



**INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS BELÉM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

WILLI JANSEN FERREIRA

**A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO ÉTICA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA NOS CURSOS DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFPA
CAMPUS BELÉM**

**Belém-Pará
Julho de 2020**

WILLI JANSEN FERREIRA

**A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO ÉTICA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA NOS CURSOS DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFPA
CAMPUS BELÉM**

Artigo e produto educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Belém do Instituto Federal do Pará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Haroldo de Vasconcelos Bentes

**Belém Pará
Julho de 2020**

F 383r Ferreira, Willi Jansen.

A relevância da formação ética na educação profissional e tecnológica nos cursos de ensino médio integrado do IFPA Campus Belém / Willi Jansen Ferreira. - Belém, 2020.

48 p.

Dissertação (pós-graduação) – Instituto Federal do Pará, Campus Belém, Curso de Mestrado Profissional em EPT (PROFEPT), Belém, 2020.

Orientador: Haroldo Bentes

1. Ética. 2. Educação Profissional. 3. Ensino Médio Integrado. I. Bentes, Haroldo de Vasconcelos. II. Título.

CDD 170

Catalogado por: (Antônio Junior Estumano de Almeida – CRB2-1629)



INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ
Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



WILLI JANSEN FERREIRA

**A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO ÉTICA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA NOS CURSOS DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFPA
CAMPUS BELÉM**

Artigo e produto educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 30 de julho de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Haroldo de Vasconcelos Bentes

Instituto Federal do Pará

Orientador

Prof. Dr. Jair José Maldaner

Instituto Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luís Eduardo Ramos de Souza

Universidade Federal do Pará

A todos os professores de Ensino Médio Integrado que realizam a nobre tarefa de educar os jovens filhos dos trabalhadores para a atuação conscientemente cidadã e profissional no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho jamais teria sido levado adiante e concluído sem a colaboração de várias pessoas.

Agradeço ao meu Pai o Deus Jeová Todo Poderoso por ser o meu escudo e a minha força de cada dia. Para Ele todo o reconhecimento em tudo.

Agradeço a acolhida dos meus sogros em Belém como um hóspede querido enquanto este curso andava. Obrigado pela dedicação e o amor.

Agradeço também ao Ed Carlos de Oliveira e George Pinheiro, meus cunhados, meus irmãos! Suas caronas mensais desde o início foram muito importantes.

Agradeço a disponibilidade, competência e meticulosidade do meu nobre amigo mocajubense Antônio Júnior, o melhor bibliotecário do Xingu! Seu apoio foi de inestimável valor.

Agradeço minha aguerrida mãe que sempre apoiou meus estudos! Livros nunca faltaram!

Agradeço, em especial, ao meu prestigioso orientador, professor Haroldo Bentes, por não ter me permitido desistir diante de tremendas dificuldades logísticas e por ter me ampliado os horizontes, por dividir sua bagagem acadêmica e profissional com tanto compromisso, paciência e simplicidade. Obrigado por ter me injetado em cada dia de nossos contatos, presenciais ou não, o vírus da paixão pela pesquisa e pela educação.

Agradeço o apoio e a coragem de minha família Lia Jansen e Julia Jansen (menina esperta que poucas vezes se manteve longe enquanto eu estava lendo, escrevendo, revisando. Queria brincar!). Vocês oravam por mim enquanto eu viajava até Belém pela terrível rodovia transamazônica por dezesseis longas horas para assistir uma semana de aulas do mestrado a cada mês, (muito mais após a queda da ponte sobre o rio Moju) ficando sozinhas na maior cidade do Xingu: Altamira-Pará.

Nada disso teria sido possível, porém, não fosse a paciência, dedicação, bravura, carinho e amor genuíno de Lia Jansen, minha linda mulher, ainda mais na imprevisível, trágica e histórica pandemia da covid-19. Este trabalho é para ela inteiramente!

Se dermos, ênfase exagerada à ciência e à tecnologia, corremos o perigo de perder contato com aqueles aspectos do conhecimento humano que levam à honestidade e ao altruísmo. (Dalai Lama, abril de 1993)

RESUMO

Este artigo de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) tem como objetivo discutir a relevância da formação ética como parte integrante da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) nos cursos técnicos de Ensino Médio Integrado (EMI) do Campus Belém do Instituto Federal do Pará (IFPA), e se vincula à linha de pesquisa: práticas educativas em educação profissional e tecnológica. Considera ainda o que é formação ética, sua previsão nas leis educacionais e em outros documentos, e como a formação tem sido ofertada no referido Campus. Discute ainda as interfaces da ética com as dimensões da responsabilidade individual e coletiva no âmbito das práticas profissionais e da cidadania. Trata-se de um estudo teórico que se valeu de entrevistas com os docentes e questionários aos alunos. A práxis pedagógica referente à formação ética é construída no recorte de três cursos concluintes do EMI: mecânica, telecomunicações e eletrônica. As análises e discussões foram construídas com base no diálogo teórico com Aristóteles e Kant e os estudos de pesquisadores brasileiros como Pedro Goergen, Maria Menin et al. Destacam-se ainda, Marise Ramos e Demerval Saviani, ambos teóricos da EPT. Elaborou-se a problematização: quais são as bases curriculares que ancoram a formação ética do EMI nos cursos do IFPA Campus Belém? Partiu-se da hipótese de que a comunidade acadêmica estaria inclinada a considerar o valor da formação ética se esta estiver voltada para a cidadania e a atuação profissional. Assim, constatou-se na pesquisa, pois, a razão de ser de tal formação se daria na construção das bases da cidadania e do trabalho permitindo uma boa atuação profissional, e que tal formação ética implica em significativa atividade letiva de caráter discursivo-reflexivo que possibilita a participação consciente e transformadora da sociedade. As considerações finais apontam para o fato de que tal formação é urgente e necessária e que a mesma deve ser a principal finalidade da educação. Por fim nosso produto educacional são sequências didáticas interativas, pois tais se adequam à natureza mesma da ética e da filosofia no que se refere às discussões de ordem crítica e reflexiva.

Palavras-Chave: Ética. Educação Profissional. Ensino Médio Integrado.

ABSTRACT

This professional master's article from the Graduate Program in Professional and Technological Education (PROFEPT) aims to discuss the relevance of ethical training as an integral part of Professional and Technological Education (EPT) in the technical courses of Integrated High School (EMI) of the Belém Campus of the Federal Institute of Pará (IFPA), and is linked to the line of research: educational practices in professional and technological education. It also considers what ethical training is, its provision in educational laws and other documents, and how training has been offered at that Campus. It also discusses the interfaces between ethics and the dimensions of individual and collective responsibility within the scope of professional practices and citizenship. This is a theoretical study that used interviews with teachers and questionnaires to students. The pedagogical praxis related to ethical training is built on the outline of three EMI concluding courses: mechanics, telecommunications and electronics. The analyzes and discussions were built based on the theoretical dialogue with Aristotle and Kant and the studies of Brazilian researchers such as Pedro Goergen, Maria Menin et al. Also noteworthy are Marise Ramos and Demerval Saviani, both theorists of EPT. The problematization was elaborated: what are the curricular bases that anchor the ethical training of EMI in the courses of the IFPA Campus Belém? We started from the hypothesis that the academic community would be inclined to consider the value of ethical training if it is focused on citizenship and professional performance. Thus, it was found in the research, because the *raison d'être* of such training would occur in the construction of the bases of citizenship and work, allowing a good professional performance, and that such ethical training implies a significant teaching activity of a discursive-reflective character. that enables the conscious and transforming participation of society. Final considerations point to the fact that such training is urgent and necessary and that it must be the main purpose of education. Finally, our educational product are interactive didactic sequences, as these are adapted to the very nature of ethics and philosophy with regard to critical and reflective discussions.

Keywords: Ethic. Professional Education. Integrated High School.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Sobre a formação ética nos cursos de EMI, para os alunos33
- Figura 2** – Em que sentido a formação ética como matéria estudada no Ensino Médio Integrado deve estar no seu curso?.....35
- Figura 3** – A formação ética tem ocorrido?37
- Figura 4** – A partir dos estudos da ética você mudou de pensamento e comportamento diante de situações que você, até então, não entendia plenamente?39
- Figura 5** – Os estudos da ética realizados ao longo do curso foram através de41
- Figura 6** – O tempo de aula da disciplina filosofia no seu curso EMI: 43
- Figura 7**– A formação ética deve ser entendida:45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

EMI – Ensino Médio Integrado

IFPA – Instituto Federal do Pará

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PE – Produto Educacional

SDI – Sequência Didática Interativa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 A Relação entre ética e educação em Aristóteles.....	16
2.2 A Relação entre ética e educação em Kant.....	18
2.3 A concepção do ensino médio integrado	21
2.4 Filosofia na base do EMI.....	22
2.5 As Principais diretrizes da EPT	25
2.6 Definindo Formação Ética	26
3 OS MÉTODOS	27
4 ANÁLISE DOS DADOS	30
5 CONCLUSÕES	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL	49

APRESENTAÇÃO

Embora educação e ética estejam relacionadas desde os primórdios de nossa civilização, esta discrepância entre teoria e a prática também sempre foi muito nítida. Ao mesmo tempo em que todos reconhecem a importância da relação ente ética/ moral e educação, tanto nas famílias, nas instituições sociais, na mídia e também na própria escola, o tratamento dispensado à ética denota antes menosprezo que apreço. No caso da escola, por exemplo, não há diretor, nem orientador ou professor que não se digam comprometidos com a relevância da ética para o agir educativo (GOERGEN, 2005, p. 984).

A educação profissional e tecnológica traz consigo certa complexidade na sua dinâmica diária como em qualquer outro nível de ensino no Brasil. Isso porque possui suas especificidades, seus teóricos, suas diretrizes e concepções.

Vivemos hoje num abismo de separação entre o crescente nível de acesso e interesse ao aparato tecnológico nas sociedades industriais avançadas e o nível de desconsideração pelo crescimento humano, referente aos valores éticos mais básicos. Então, temos o que parece ser um antagonismo, uma relação de tensão: sociedade científica e sociedade ética em descompasso.

Todavia ao instaurarmos o inquérito de averiguar a relação entre formação ética e ensino médio integrado levantamos a questão: quais são as bases curriculares que ancoram a formação ética do EMI nos cursos do IFPA Campus Belém?

Este artigo pretende buscar uma resposta satisfatória no sentido de compreender não apenas a situação da formação ética, mas, sobretudo, discutir a sua relevância para os que vivem essa modalidade de ensino.

Para apresentar as rotas que conduziram a escolha deste objeto de pesquisa foram elaboradas algumas questões que justificam as escolhas e a relevância do tema.

Por que a locução “formação ética”?

Nunca se falou tanto ou mesmo se escreveu acerca da ética desde que a mesma foi inaugurada pelos gregos na Antiguidade. E, desde lá, a ética e a educação têm sido relacionadas pautando as mais distintas concepções pedagógicas.

Vê-se também a ética atravessando a linha do saber e das práticas humanas

ao estar presente na ciência e tecnologia, na política, na religião, no mundo das artes, sim, a ética possui o especial atributo de estar onipresente nas conquistas e realizações do homem. A ética é multifacetada, pois perpassa o mundo humano invariavelmente. Não é diferente no meio educacional e nem poderia jamais ser.

Por isso, busca-se entender a formação ética imbuída na proposta do currículo integrado. E não se trata de uma formação ética qualquer, considerando a natureza do EMI, a formação ética deve estar alinhada com seus pressupostos e concepções.

Objetivando a pesquisa

Esta pesquisa visa demonstrar, como tem ocorrido a formação ética no EMI no Campus Belém do IFPA. O objetivo geral se constitui em discutir a relevância da formação ética como parte integrante da EPT nos cursos técnicos de nível médio integrado. Nos objetivos específicos, destaque à criação do produto educacional cujo fim é viabilizar a formação ética contribuindo com a melhoria da educação profissional e tecnológica.

Como questões norteadoras da pesquisa referentes às práticas docentes, formação ética, ensino integrado e produto eis algumas:

A formação ética possui ou já possuiu alguma diretriz, programa ou projeto que a ofertou significativamente no Campus Belém? A formação ética deve ser uma estratégia pedagógica de ensino dentro do currículo no Campus Belém? Ao ofertar a formação ética no Campus, então, estar-se-ia cumprindo alguma das finalidades da educação como princípio educativo-formativo?

Aspectos gerais da pesquisa

Os dados da pesquisa, com os sujeitos pesquisados, foram obtidos por dois instrumentos: os questionários para os alunos e a entrevista semiestruturada com os professores, por recorte em três cursos concluintes do EMI: mecânica, telecomunicações e eletrônica.

A base teórica fundamenta-se na relação entre ética e educação de Aristóteles (1984) e Kant (1996, 2013). Mas não só. Teóricos da educação profissional e tecnológica como Demerval Saviani (2007) e Marise Ramos (2008, 2009) também se fazem presentes. E ainda, importantes pesquisadores da

educação no Brasil: Maria Menin et al (2017) e Pedro Goergen (2001, 2005). A análise deu-se no diálogo com referenciais teóricos relacionados com a educação, a ética, o currículo integrado e o produto educacional.

Por que a opção pelo Ensino Médio Integrado e o Campus Belém?

O EMI destaca-se no horizonte do ensino médio no país, precisamente na forma como se desenvolve na Rede Federal nos Institutos Federais, importante espaço educativo, historicamente destinado às classes populares, no contexto da formação profissional.

Por essa razão o EMI deve robustecer suas bases, para consolidar sua tarefa: formar para a cidadania e o trabalho mediante um currículo que contemple a formação integral do ser do aluno em suas múltiplas dimensões (inclusive a ética, enfatize-se).

Além disso, por motivos práticos: pela atuação no nível de ensino (Campus Altamira do IFPA); e atuação também no ensino médio regular em prestigiadas instituições de ensino em Belém, que em geral, apoiam os jovens em seus projetos pessoais de futuro e nas suas escolhas no âmbito da cidadania ativa e oportunidades de trabalho.

Eis a justificativa pelo EMI, portanto: seja pelo seu valor ético-social, e pela trajetória docente neste nível de ensino. Quanto à unidade de pesquisa, o Campus Belém do IFPA, pelas suas peculiaridades, dentre elas, ser o mais prestigiado e conhecido do IFPA, com diversos cursos nos mais diferentes níveis e modalidades e, por possuir o maior número de professores de filosofia.

1 INTRODUÇÃO

Embora experimenta-se as grandes conquistas da ciência e da tecnologia (avanço das telecomunicações, por exemplo), contudo, há nas relações humanas no seu trato mais básico notável carência da prática dos princípios éticos.

Cresce o autoritarismo social que divide e hierarquiza as pessoas. E cresce o individualismo, o discurso de ódio e a violência ética como o racismo, entre outras.

Assim abre-se espaço para os estudos da ética já que o ideal de desenvolvimento humano está longe de igualar o ritmo de crescimento científico e tecnológico. Daí, tal questão liga-se à educação. Ou seja, não se trata de educação sem tratar de ética!

Sendo que a educação vai além da mera instrução científica e que há teorias educacionais defendendo a dimensão ética na formação dos sujeitos, então constata-se que tal formação é relevante no sentido de fomentar a reflexão quanto ao papel da ciência e da tecnologia e também da importância de questões vitais da convivência: respeito, tolerância, solidariedade, por exemplo.

Assim, o tema deste mestrado em Educação Profissional e Tecnológica é: A Relevância da Formação Ética na Educação Profissional e Tecnológica nos Cursos de Ensino Médio Integrado no IFPA Campus Belém. Daí inquirimos: quais são as bases curriculares que ancoram a formação ética do EMI nos cursos do IFPA Campus Belém?

Portanto, na Pós-Graduação, nível mestrado profissional, situa-se o objeto de pesquisa: a formação ética como fator de relevância nos cursos do EMI no IFPA Campus Belém. Isso remete à problemática do EMI que não pode ser confundido em sua finalidade última (cidadania e profissionalização) como mero treinamento.

Logo, o EMI nesse sistema de significados propõe uma formação, onde o aluno mantenha atitudes coordenadas entre a constituição do pensamento crítico-reflexivo, e a prática dos valores na fronteira da diversidade e da convivência. Diante desse desafio, apresenta-se o problema de pesquisa: quais as bases curriculares que ancoram a formação ética no EMI nos cursos do IFPA Campus Belém?

Nosso objetivo geral: discutir a relevância da formação ética como integrante da EPT nos cursos técnicos de EMI. E os objetivos específicos: mostrar como tem sido o ensino da ética no EMI; identificar as possíveis dificuldades e/ou avanços do ensino da ética e criar um produto educacional no âmbito da formação ética.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Relação entre ética e educação em Aristóteles

As principais obras de Aristóteles de onde vem sua reflexão educacional são as que tratam de ética e política, pois o objetivo final era alcançar a virtude. A mais importante de todas é a *Ética a Nicômaco*. A virtude tem um sentido único para Aristóteles:

Uma disposição de caráter relacionada com a escolha consistente de uma mediania. É um meio termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio termo (ARISTÓTELES, 1984, p. 73).

Um dos fundamentos da sua filosofia é que todas as coisas têm uma finalidade, ou seja, o fim a que tudo se inclina conduz do estado de imperfeição ao de perfeição: “Admite-se que toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; é por isso que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem” (ARISTÓTELES, 1984, p.49). Assim ele ingressa no terreno da ética. Há muitos fins, mas só um é o absoluto: a felicidade e esta como a vida teórica que redonda na atividade de fomento da racionalidade. Mas, esta vida teórica: “(...) não se realiza acidental ou esporadicamente, mas mediante a aquisição de certos modos constantes de agir que são as virtudes (...) que se adquirem ou conquistam pelo exercício” (VAZQUEZ, 2002, p. 273).

Nem todos os homens têm as condições de adentrar na vida teórica. A felicidade e a participação na vida da *pólis* só serão alcançáveis se ele obtiver as condições concretas para desenvolver-se de forma plena. Por isso, a estrutura social e política e a educação, devem criar as condições para tal desenvolvimento. Ser feliz, instruído, ético e contribuir para a vida social são objetivos sobrepostos e estavam solidamente presentes. Tudo isso remete à noção chave da relação entre ética e educação em Aristóteles que é o “cultivo de si como domínio de si”.

Essa noção está na base das ideias de Aristóteles acerca da educação, pois no homem há o conflito entre a racionalidade e os desejos. É tarefa do homem saber regular este conflito. Daí Aristóteles dizer que os homens naturalmente tendem a buscar o prazer e a evitar o sofrimento. Por isso, o cultivo de si e o domínio de si, implicam, portanto, em saber lidar com o prazer e o sofrimento.

A educação tem como um de seus fins orientar as paixões¹ para que as boas ações redundem no prazer, enquanto que as más, no sofrimento. Ou seja, a educação deve garantir a possibilidade de nos habilitar a orientar os desejos, pois pela educação obtemos o cultivo e o domínio de si no que se refere à orientação do prazer e da dor. Isto advém de um aprendizado: “A tarefa da ética será *educar* nosso desejo para que evite o vício² e alcance a virtude” (CHAUÍ, 1997, p.311).

A virtude para Aristóteles consiste na justa medida entre dois vícios, e como tal se relaciona ao caráter e envolve educação: “A virtude é virtude de caráter ou força do caráter educado pela moderação para o *mesótes*³, isto é, a justa medida” (CHAUÍ, 1997, p.312). A ética é, por conseguinte, a ciência da moderação.

Vemos, portanto, em Aristóteles o valor atribuído à ética como tendo a missão de promover no indivíduo a busca pelo cultivo e domínio de si, qual seja, o alcance da virtude. Expressado em termos aristotélicos: a ética deve estar relacionada a um tipo de educação voltada para a virtude, portanto.

Nesse sentido Aristóteles apresenta o papel da educação: “Deveríamos ser educados de uma determinada maneira desde a nossa juventude, a fim de nos deleitarmos e de sofrermos com as coisas que nos devem causar deleite ou sofrimento, pois essa é a *educação certa*” (ARISTÓTELES, 1984, p.69). Outras traduções, o grifo traz “educação verdadeira”.

No que consiste a “educação verdadeira”? Ora é à base da concepção de educação de Aristóteles: que o homem aprenda a administrar a tendência natural de buscar o prazer e evitar a dor. Logo, a verdadeira educação implica na ideia de “cultivo de si como domínio de si” e isso é precisamente um princípio ético-educacional! Saber orientar a paixão é tarefa da ética no contexto da educação! Nesse sentido:

A orientação correta do desejo resulta de uma aprendizagem e esta é incrementada mediante o exercício de bons hábitos, fator decisivo para a formação de um sujeito com caráter virtuoso. O cultivo dos hábitos assume primazia no processo educativo justamente para levar o sujeito a aprender a distinguir e a preferir o que está em consonância com a virtude moral (CENCI E DALBOSCO, 2014, p. 474).

¹ A paixão designa uma ação que se sofre, transmitindo a ideia de emoção, passividade física e moral; sofrimento. Oposto a ação.

² O vício se opõe à virtude, e corresponde a uma falha ou falta moral habitual que leva o indivíduo a cometer delitos, a infringir princípios morais, ex.: mentir é um vício.

³ Aristóteles define a virtude como justo meio entre paixões extremas, como medida ou moderação dos extremos.

Em suma: o hábito⁴ exige o cultivo de si, tornando-se a ferramenta para educar o homem na prática das virtudes. Ninguém nasce virtuoso, pois a virtude sendo prática, não é um dado da natureza ou mero conhecimento do que é virtuoso. Daí Aristóteles dizer que nos tornamos bons praticando atos bons, ou seja, é a prática do exercício constante que nos permite adquirir a virtude, e por isso, implica dizer que a formação ética faz-se no cultivo e no domínio de si como obra de uma vida inteira.

Assim, a relação entre ética e educação em Aristóteles se apoia na ideia de que a vida virtuosa deve ser cultivada constantemente pelo exercício de bons hábitos exercitados pela vivência diária. O que sinaliza o caráter virtuoso é precisamente os hábitos enraizados em seu caráter. É por isso que mero conhecimento intelectual não basta, mas que: “No tocante à virtude, pois, não basta saber, devemos tentar possuí-la e usá-la ou experimentar qualquer outro meio que se nos antepare de nos tornarmos bons” (ARISTÓTELES, 1984, p.232).

Por isso, Aristóteles defende uma educação para a virtude. Porém, se a vida moral só se dá pela educação, também a vida social só se dá na comunidade política, pois ambas estão relacionadas. Ou seja, a vida social é um meio e não o fim da vida moral. Assim, há nítida relação da formação ética com a prática cidadã, pois a cidadania resulta de uma efetiva integração social nas múltiplas demandas da cidade.

Podemos assegurar, então, que a virtude ao trazer as palavras moderar, ponderar, equilibrar, ajustar etc. deve estar no palco do EMI, no que se refere às práticas éticas e cidadãs de alunos, professores e outros agentes da Escola, acerca dos termos fundantes da ética. E que problematizem o mundo hodierno nas diversas temáticas. Em outras palavras, a ética aristotélica tem muito a dizer para a formação ética no EMI.

2.2 A Relação entre ética e educação em Kant

Para Kant, a educação deve fazer com que o homem desenvolva sua disposição natural visando o bem: “O homem deve, antes de tudo, desenvolver as suas disposições para o bem”, ou seja, ele deve educar-se para ser um sujeito moral.

⁴Para Aristóteles, é o exercício da vontade sob a orientação da razão para deliberar e escolher ações que permitam satisfazer o desejo sem cair nos vícios.

(KANT, 2006, p. 19). E mais: “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 2006, p. 15).

Em seguida, Kant estabeleceu alguns fins para que se alcance a moralidade a partir da educação. Já que o mal aparece quando se permite que a natureza se desenvolva desregradadamente. Então, a formação ética consiste no cuidado de encaminhar as disposições naturais para o bem, mediante regras:

Na educação, o homem deve: Ser *disciplinado*. Disciplinar quer dizer: impedir que a animalidade prejudique o caráter humano. Assim, a disciplina consiste em domar a selvageria. Tornar-se *culto*. A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A educação deve cuidar para que o homem se torne *prudente*, que ele permaneça em seu lugar na sociedade. Deve, por fim, cuidar da *moralização*. (KANT, 2006, p. 25-26).

A *disciplina* se constitui num conjunto de disposições que visam o controle dos instintos naturais dos homens: “É o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais”. (KANT, 2006, p. 37).

A disciplina é de grande alcance na educação, pois se relaciona à coerção, sem a qual não se alcança a liberdade. A educação tem como tarefa promover à passagem da coerção à liberdade. Como? Ora de forma gradual deixa-se de obedecer aos pais e mestres passando a guiar-se por si naturalmente. A disciplina de casa e da escola será substituída por formas de agir pautadas na racionalidade inerente a nós. Daí, Kant teorizar que a educação moral jamais se processará baseada na disciplina, mas sim nas *máximas morais*⁵.

A *cultura* é o desenvolvimento de habilidades sem as quais não é possível a concretização de certos fins. A cultura dá ao educando “(...) um valor em si mesmo, como indivíduo” (KANT, 2006, p. 35) e “(...) é criação da habilidade, e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos” (KANT, 2006, p. 26).

A *prudência* ou *civilização* é a posse de boas maneiras que permitam a integração social do homem, pois este vive em comunidade. Este fim da educação pressupõe civilidade, pois a prudência deve preparar o indivíduo para a cidadania.

A *moralização* é o fim da educação que Kant enfatiza, pois: “(...) vivemos em uma época de disciplina, de cultura e de civilização, mas ela ainda não é a da verdadeira moralidade” (KANT, 2006, p. 28). Ela relaciona-se ao desenvolvimento do

⁵ Na ética kantiana, a máxima é um princípio subjetivo *a priori*, com base no qual um indivíduo orienta sua conduta.

critério moral. Sendo que a educação formal instrui o homem para a cidadania, a educação moral prepara-o para o exercício da liberdade. Logo, o fim último da educação está para a consciência moral e este fim relaciona-se à liberdade.

Daí a formação ética do sujeito se dá via educação implicando na autonomia moral e na realização de ações éticas. Eis o objetivo da educação em Kant: desenvolver a humanidade dos humanos naquilo que lhes é singular, a racionalidade dos princípios prático-morais, que movem a vontade determinando-a a agir e decidir por si mesma, com autonomia, visando o progresso moral. Daí o aluno deve ir à escola não apenas para conhecer, mas para desenvolver a faculdade de pensar e agir moralmente progredindo na vida moral. Nesse contexto:

A concepção kantiana acerca da moral é orientada pela ideia de humanidade e pela formação do caráter no sentido do amor ao dever; é marcada pela ideia da formação integral do homem. A formação moral não é apenas uma etapa a mais no processo formativo, mas sim seu núcleo constitutivo, uma vez que deve perpassá-la do começo ao fim (CENCI E DALBOSCO, 2014. p. 481)

A educação prático-moral, então, se refere: “(...) à construção do homem, para que possa viver como um ser livre o qual pode bastar-se a si mesmo; constituir-se em membro da sociedade e ter por si mesmo um valor intrínseco” (KANT, 2006, p. 34-35).

A educação como prático-moral implica em ideias que se relacionam com a proposta do EMI, pois, vincula-se à formação do homem a respeito de sua liberdade; visa a homens que pensam e ajam com autonomia. Daí, que tais noções de liberdade, autonomia e princípios de ação são as que se devem ser discutidas no âmbito da formação ética no EMI, justificando sua proposta educacional como comprometida com as lutas sociais.

Kant definiu que a cultura moral é um dos meios pelos quais a educação se constitui, e vê-se isto na *Metafísica dos Costumes* onde se discorre sobre o método de ensino da ética: “Que a virtude possa e tenha de ser ensinada decorre de ela não ser inata, assim, a doutrina da virtude é objeto de ensinamento” (KANT, 2013, p. 293). Mas, o que é virtude para Kant? “A virtude é a força de resolução que o homem revela na realização de seu dever” (KANT, 2013, p. 229-230).

A virtude designa a disposição para o bem: a coragem, a justiça, a lealdade. Ou seja, a virtude é força que habilita a derrotar as inclinações naturais que militam contra a disposição de ação e propósito, bloqueando o amadurecimento do caráter.

Kant descreve como se daria o método de ensino da virtude, ou seja, como se

daria uma aula, visando à incorporação de princípios éticos e a sua vivência diária nas relações concretas dos indivíduos:

Por meio de perguntas, através de casos apresentados, o professor conduz o curso do pensamento de seu discípulo de modo meramente a desenvolver no mesmo a disposição para certos conceitos (o professor é a parteira dos pensamentos do aluno); Que com isso torna-se consciente de que é capaz de pensar [...] (KANT, 2013. p.294).

Eis o resultado que almejamos no EMI ao considerar a formação ética como relevante garantindo acesso integral ao saber, para que este aluno possa construir seu futuro com dignidade. A formação ética tal como pontuamos aqui na esteira das ideias de Kant deve perpassar o EMI, pois dela emergem duas noções importantes para os dias de hoje no contexto do EMI: a autonomia do pensar de cada educando e a formação do seu caráter, a partir de princípios éticos.

A formação do homem está orientada tanto para formar o pensamento autônomo quanto o caráter. A educação, concebida dentro de uma perspectiva ético-antropológica, é entendida como a mais árdua de todas as tarefas humanas. A educação do homem é pensada numa perspectiva aberta, em que o homem pode formar-se e cultivar-se (CENCI E DALBOSCO, 2014, p. 240).

O objetivo de Kant nas suas reflexões sobre ética e educação é de formar indivíduos autônomos, capazes de superar as inclinações naturais através do próprio entendimento. Por isso, o papel de uma educação ética é fundamental para a formação humana já que torna os indivíduos seres morais.

Por fim, a educação em Kant leva em conta um aspecto fundamental para a formação humana: o educar para a convivência social, pois a partir do momento em que o indivíduo recebe uma educação adequada, ele se constrói como um ser ético. Por isto, a formação ética deve ser voltada para a autonomia do indivíduo moral, que segue as regras de forma consciente.

A formação ética no EMI não consiste apenas em aprender normas morais válidas para o contexto social, e nem, em educação que se resume moralizante, mediante exortações, de meros conselhos ou de advertências comportamentais, o que se encerraria, apenas na moralização. Diferentemente, trata-se na verdade da formação da capacidade própria da natureza humana: o desenvolvimento da razão prática, permitindo que o homem tome suas decisões ao agir baseado na liberdade.

2.3 A concepção do ensino médio integrado

O EMI ancorado na concepção de politecnia ou educação politécnica implica

na união entre escola e trabalho ou entre instrução intelectual e trabalho produtivo. Assim, embora o termo politecnicidade literalmente quer dizer “múltiplas técnicas” pode designar o EMI, pois:(...) para além da questão terminológica (...) Trata-se da união entre formação intelectual e trabalho produtivo (SAVIANI, 2007, p. 167).

É certo que a proposta de um currículo integrado está diretamente comprometida com as lutas sociais e que tal proposta nos seus antecedentes histórico-políticos: “(...) demonstram o carácter ético-político do tema, posto que este debate diz respeito a projetos de sociedade e concepções de mundo” (RAMOS, 2008, p. 1). A politecnicidade objetiva superar a atual dualidade da educação: formação para o trabalho manual para uns e para o trabalho intelectual para outros. A superação desta dualidade só é possível mediante a educação politécnica, pois oferta: “A compreensão dos princípios científico-tecnológicos e históricos da produção moderna, de modo a orientar os estudantes à realização de múltiplas escolhas” (RAMOS, 2008, p. 3).

Não há como pensar em politecnicidade, cujo princípio é a educação para todos, desconsiderando a formação ética! Ou seja, se visamos uma educação que possibilite o acesso aos conhecimentos em sua totalidade para pensarmos e transformarmos a realidade, então, a ética é imprescindível, pois muito contribui para a formação integral no sentido de que o aluno é sujeito de sua história e de sua realidade.

É perceptível que o EMI é progressista e popular. Porém, ao nos debruçar acerca da concepção do EMI fomos pinçando termos, sugestões, pistas e referências que possuíam alguma relação com a formação ética e se constata que a mesma é posta em segundo plano, integrando meramente a dimensão cultura que, em conjunto com a dimensão trabalho e conhecimento científico, formam o sentido de currículo integrado.

Em outras palavras, a formação ética não é diretamente apresentada na concepção do EMI. Vimos a formação ética nas entrelinhas, nas bordas. Daí se vislumbra a condição da mesma na práxis do EMI.

2.4 Filosofia na base do EMI.

Trabalho e educação são dimensões ontológicas no contexto das atividades humanas por excelência, pois somente o homem trabalha e faz educação. O

trabalho foi alvo de especial reflexão ao longo da história da filosofia, como isso?

O homem pelo trabalho produz o mundo natural e a si mesmo, e neste quadro a educação se faz como ação e produção de técnicas e tecnologias. O trabalho, portanto, constitui-se em fonte de ideias, e também numa experiência singular.

É precisamente a partir dessa perspectiva que o trabalho se constitui no EMI como princípio educativo:

Por ser uma atividade relacional, o trabalho, além de desenvolver habilidades, permite que a convivência não só facilite a aprendizagem e o aperfeiçoamento dos instrumentos, mas também enriqueça a afetividade resultante do relacionamento: experimentando emoções de expectativa, desejo, medo, inveja, o homem aprende a conhecer a natureza, as pessoas e a si mesmo (ARANHA E MARTINS, 1993, p.6).

Quando se busca apresentar os fundamentos filosóficos do currículo integrado não tem como não indagar acerca do que vem a ser a essência do homem. Assim, pergunta-se: quais as características imbuídas no homem que nos permitem identificá-lo como sendo homem que trabalha e educa-se? Ou seja: o que tem o homem que lhe permite concretizar o ato de trabalhar e educar? Essas indagações indicam que:

Perguntas desse tipo pressupõem que o homem esteja previamente constituído como ser possuindo propriedades que lhe permitem trabalhar e educar. Pressupõe-se, uma definição de homem que indique em que ele consiste, isto é, sua característica essencial a partir da qual se possa explicar o trabalho e a educação como atributos do homem (SAVIANI, 2007, p. 153).

Na altura de definições de homem, que são inúmeras, citemos a mais clássica, de Aristóteles: “o homem é um animal racional”. Essa definição do homem pela racionalidade tem o caráter de atributo essencial do homem, o que qualifica a dimensão ontológica.

Na história da filosofia são muitas as definições concebidas acerca do que vem a ser o homem em sua essência constitutiva. Essas muitas vezes, ignoram as condições concretas da existência histórica, e se mantêm estanques no campo especulativo e metafísico.

Mas, como fazer das condições concretas do homem para buscar sua essência fora do âmbito especulativo? Qual o ponto de partida para verificar na existência histórica o que está inscrito no seu ser? E mais: haveria nessa perspectiva algo relacionado ao trabalho e a educação que pudéssemos amarrar num feixe ontológico, portanto? Marx e Engels nos dizem:

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer outra coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia

propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material (MARX E ENGELS, 1974, p. 19).

Assim o homem destaca-se no meio natural obrigando-se, para existir a produzir sua vida, ou seja, sua existência. O homem, diante da natureza vem transformando-a e ajustando-a às suas necessidades. Essa ação deliberada ao longo do processo histórico, chama-se *trabalho*. Logo:

(...) a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (SAVIANI, 2007, p. 154).

Em (Marx e Engels, 1974) há o que segue: o existir do homem é construído por ele pelo trabalho significando que o homem se torna homem pela formação já que ele não nasce sabendo se produzir na existência concreta. Eis o espaço para a educação. Portanto, a produção do homem é concomitante à sua formação criando um processo formativo.

Agora como o trabalho que tem acompanhado os homens resulta no próprio ser dos homens? Ou seja: como ver no trabalho a dimensão ontológica do homem?

Nas primeiras comunidades a educação coincidia na identidade com o trabalho. Os homens aprendiam a produzir sua existência no ato mesmo de produzi-la.

Ao agir sobre a natureza e nas relações uns com os outros, educavam-se mutuamente. Ou seja: a produção da existência implicava na criação de um conjunto de representações cuja configuração envolvia um processo de aprendizagem. Assim, no comunal modo de produção os homens produziam pelo trabalho sua própria existência e nesse processo se educavam mutuamente. Estando, então, o trabalho na perspectiva ontológica é o que permite incluí-lo no EMI como princípio educativo. Assim:

O trabalho, no sentido ontológico, como processo inerente da formação e da realização humana, (...) é a ação de interação com a realidade para a satisfação de necessidades e produção de liberdade. Nesse sentido, trabalho não é emprego, não é ação econômica específica. Trabalho é produção, criação, realização humanas. Compreender o trabalho nessa perspectiva é compreender a história da humanidade, as suas lutas e conquistas mediadas pelo conhecimento humano (RAMOS, 2008, p.3).

Assim vemos o trabalho como constituindo a inscrição mais básica do homem, o trabalho relacionado à educação como constituinte de sua essência numa base

concreta e não especulativa. Isto dá fundamento para que não dissociemos a ética do EMI. E se este visa o trabalho associado à educação, pois ele não se constitui meramente em “formar para a vida” ou à profissionalização somente, mas é para promover uma formação que integra trabalho e educação numa relação essencial e única, concepção que nos permita desvelar quando o trabalho se traveste de características alienantes, subtraindo a dimensão de liberdade do homem cidadão-trabalhador.

2.5 As Principais diretrizes da EPT

A LDB prevê que a formação ética é um dos fins da educação no artigo 35: “O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Contudo, não há fora da LDB essa escrita literal “formação ética”.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, por exemplo, no artigo 14, os cursos devem proporcionar:

Fundamentos de empreendedorismo, cooperativismo, tecnologia da informação, legislação trabalhista, ética profissional, gestão ambiental, segurança do trabalho, gestão da inovação e iniciação científica (BRASIL, 2012).

Eis uma referência à ética “empresarial”, mas não na direção da concepção do currículo integrado, qual seja:

A proposta de currículo integrado incorpora as aprendizagens escolares como possibilitando à classe trabalhadora a compreensão da realidade para além de sua aparência e, assim, o desenvolvimento de condições para transformá-la em benefício das suas necessidades de classe (RAMOS, 2009, p. 78).

Já a Lei de criação dos Institutos Federais, nada apresenta explicitamente no sentido de uma formação ética. Tal ausência é desconfortável ao analisarmos a considerável estrutura que tal Rede se construiu:

Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, (BRASIL, 2008).

Nas finalidades da referida Lei há, porém, uma menção que possui certa relação com a formação ética, mas sem referência textual ou sinônimos da locução “formação ética”: “Ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia” (BRASIL, 2008). E nos objetivos há

um trecho que se relaciona com a formação ética: “Estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão” (BRASIL, 2008).

A finalidade de formar cidadãos e o objetivo de emancipá-los possui dimensão ética, pois a vida cidadã pressupõe a compreensão das complexas relações sociais com tudo o que elas exigem: o respeito do outro, a solidariedade mútua, a participação política, etc.

Assim na escassez ou não havendo qualquer diretriz institucional, programa específico ou projeto pedagógico para a formação ética compromete a sua oferta.

2.6 Definindo Formação Ética

Por formação ética, compreende-se um processo sistematizado que busca promover a reflexão crítica do comportamento moral na vida cotidiana e no mundo do trabalho implicando no desenvolvimento do homem social e político, daí sua dimensão cidadã plena.

É precisamente a formação ética ligada à reflexão no âmbito da cidadania e do trabalho, que fomenta no indivíduo social e político a ação, no sentido de dar efetividade na EPT, de uma posição de contraponto diante das políticas elitistas. A EPT não aceita o trocadilho de “formar consumidores no lugar de cidadãos, a submeter a educação à lógica do capital, colocando o currículo como instrumento do simples treinamento de habilidades e técnicas a serviço da reprodução capitalista” (PACHECO, 2011, p. 7).

Para além da concepção teórica de unificar os currículos da base comum e da base técnica, o EMI visa garantir educação para o tipo de sociedade que se busca construir: que reconheça a diversidade étnico-racial, que valoriza os trabalhadores e os movimentos sociais e etc. O EMI implica em projeto societário de educação com fins emancipatórios, portanto!

3 OS MÉTODOS

Investigar a formação ética nos cursos de EMI do IFPA Campus Belém se deu a partir de questões norteadoras imbricadas ao problema central de pesquisa deste estudo, tais como: em quais condições a formação ética tem sido ofertada? O tempo de aula semanal para os estudos da ética é satisfatório? Como se caracteriza na percepção dos professores a locução formação ética? Quais as características imprescindíveis numa aula na linha da formação ética? Como os professores desempenham sua docência no contexto da formação ética?

Nesse contexto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, visando entender a formação ética no Campus Belém, sem, contudo, estabelecer a verdade em caráter definitivo e irrevogável. Para tanto, na modalidade integrada, recorte de três cursos de EMI no IFPA Campus Belém: eletrônica, mecânica e telecomunicações, turmas concluintes, considerando alunos de maior faixa etária, e maior maturidade intelectual no processo formativo, pois no último ano de formação média, logo, mais vivência no Campus, o que permitiu respostas mais consistentes quanto ao objeto de estudo, a formação ética.

Quanto aos sujeitos da investigação, alunos e professores, envolvidos nos cursos referidos e, então, foram aplicados questionários para todos os alunos concluintes dos três cursos, e realizadas entrevistas gravadas com os professores de filosofia, e professores da base técnica correspondente a cada curso.

O instrumento questionário aos alunos com 14 questões fechadas e abertas. Para cada questão foram dadas alternativas na primeira pessoa na tentativa de parecer um diálogo, possibilitando que os alunos respondessem de maneira que não parecesse distante deles, pois o questionário foi elaborado nas especificidades do EMI.

O questionário foi aplicado em setembro de 2019, na sala de aula. Não era obrigatória a identificação do aluno. Cada aluno nas três turmas entregou o questionário preenchido. Coleta de dados com 100% dos alunos, em seguida interpretação e sistematização dos dados em informações para análise posterior.

As entrevistas semiestruturadas com os professores com 10 perguntas, e segundo (ALVES E GEWANTSZNAJDER, 2012) toda entrevista que privilegia os aspectos qualitativos constitui-se de grande valor para o levantamento de dados. As entrevistas ocorreram individualmente com cada professor. Todos os professores

autorizaram a realização das entrevistas.

Na dinâmica com os professores nas entrevistas priorizou-se a boa atmosfera ao diálogo. Fez-se, então, áudio-gravação (tempo médio de 40-60 minutos com os professores de filosofia e 10- 20 minutos com os da base técnica), e o pesquisador procurou manter postura de imparcialidade para garantir a qualidade da coleta de dados. A interação mais acentuada foi necessária em alguns brevíssimos instantes, dando concordância com as respostas, porém, sem emitir quaisquer opiniões acerca de cada tema investigado.

Nesse sentido, concorda-se com Duarte (2004, p. 216) que diante das entrevistas o processo de interpretar,

(...) é tarefa complicada e exige muito cuidado, a construção de categorias e, principalmente, com uma tendência bastante comum entre pesquisadores de debruçarem-se sobre o material procurando extrair elementos que confirmem suas hipóteses ou os pressupostos de suas teorias. Precisamos estar muito atentos à interferência de nossa subjetividade, ter consciência dela e assumi-la como parte do processo de investigação.

A análise ocorreu transcrevendo as respostas e lendo cada uma delas. Feito isso, buscou-se comparar as falas identificando categorias apontadas. Realizou-se a interpretação dos questionários, dialogando com os teóricos envolvidos neste trabalho.

Houve 60 termos de consentimento livre e esclarecido preenchidos entre alunos e professores. De preenchimento válido foram todos os participantes: 54 alunos e 6 professores. Do total de 54 alunos participantes da pesquisa 44,4% são da cidade de Ananindeua, 38,8 % são de Belém, 14,8% são da cidade de Marituba e 2,0% declararam ser de outra cidade.

Na composição das turmas dos três cursos pesquisados 23 alunos são de telecomunicações, de mecânica são 17 alunos já em eletrônica somam-se 14 alunos. A maioria são homens.

As respostas às questões objetivas foram tabuladas e analisadas quantitativa e qualitativamente. Para as questões que opcionalmente permitiam complementação por sugestões, fossem elas independentes ou complementares, o tratamento foi o qualitativo. A construção dos gráficos, dos cálculos de porcentagem, respostas agrupadas em conjunto, os dados e informações cruzadas foram lidos, interpretados e analisados.

Assim, as informações emergiram e estão sintetizadas como conclusões deste estudo nas considerações finais e, por outro lado, aquelas também

alimentaram a construção do produto educacional denominado 'Formação ética em sequências didáticas interativas', também requisito obrigatório à obtenção do título acadêmico de mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Na descritiva do percurso metodológico, relevante contextualizar que a versão preliminar do produto educacional foi testada com os sujeitos pesquisados, remotamente, em decorrência do isolamento social, pandemia *Covid-19*.

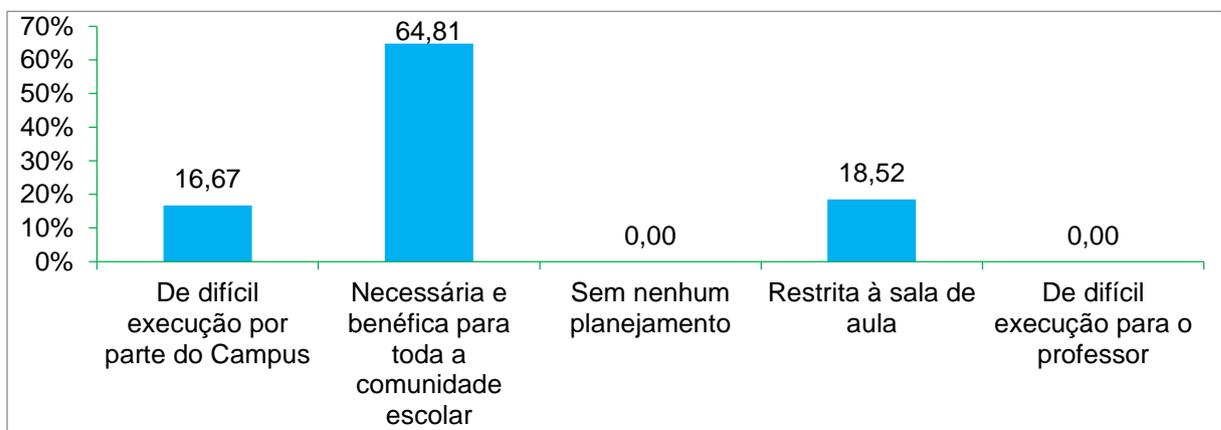
4 ANÁLISE DOS DADOS

A primeira pergunta aos professores foi: “Na sua opinião o IFPA deve ofertar a formação ética a seus estudantes? ”. A resposta positiva foi unânime evidenciando na representação dos professores a relevância da formação ética. Alguns exemplos de falas nesse sentido:

“Sim, é importante, pois eles (os alunos) precisam ter esse conhecimento para o mercado de trabalho. E entender que isso (ética) é parte da sociedade, da relação de trabalho” (Participante 3).

“Sim deve ofertar. Acho importante. Porque a ética está relacionada ao comportamento enquanto grupo. Não dá para pensar a ética do eu isolado, pois estamos em relação, e nesse sentido, uma formação que reflita sobre essa condição se torna importante e deve ser ofertada” (Participante 2). Tal pergunta da entrevista relaciona-se à primeira pergunta do questionário aplicado aos alunos.

Gráfico 1 – Sobre a formação ética nos cursos de EMI, para os alunos:



Fonte: pesquisa sistematizada pelo autor

No gráfico 1, vê-se que os alunos entendem ser a formação ética como necessária e benéfica (64,81%) exatos 35 alunos. Para 10 deles (18,52%) a formação ética limita-se à sala de aula. Já para 9 alunos (16,67%), a formação ética é de difícil execução por parte do Campus. As alternativas “sem nenhum planejamento” e “de difícil execução por parte do professor” não foram assinaladas.

Percebe-se, assim, que a formação ética para os pesquisados, é indispensável e de grande valor nos estudos do EMI.

Isso evoca a proposta educativa de Aristóteles que se fundamenta no princípio de que o homem para ser virtuoso precisa exercitar bons hábitos. E tais

hábitos são desenvolvidos mediante a vivência, demandando um aprendizado já que: “(...) é pela prática de ações, que o sujeito tem de engajar-se dentro de suas relações com outras pessoas que ele se torna virtuoso” (CENCI, 2008, p. 237). Daí a unanimidade quanto a oferta da formação ética por parte de alunos e professores, que entendem ser tais hábitos, ou seja, tais disposições morais, uma necessidade e um benefício.

Nossa intenção era compreender até que ponto os alunos identificariam essa alternativa com eles mesmos numa perspectiva ética. Foi satisfatório perceber que no Campus onde o saber se processa, as demandas éticas são urgentes e bem-vindas, considerando que o ambiente escolar é plural, democrático e de acesso universal, quadro que clama por vivência das virtudes éticas, prioritariamente.

Ainda nessa alternativa, concorda-se que,

(...) há que se considerar que a escola deve imbuir-se do compromisso de educar moralmente seus alunos e fazê-lo de forma intencional e planejada. Isso não significa negar o papel da família na socialização primária da criança e, portanto, em sua moralização, mas atribuir à escola a responsabilidade pela educação integral de seu alunado (MENIN et al, 2017, p.4).

Assim, é compromisso social de toda escola tomar posição e planejar intervenções na matriz curricular, e ações nos processos pedagógicos na direção da efetividade de formação ética, pois tal formação é relevante no âmbito da socialização e dignidade de alunos e professores, e da comunidade em geral.

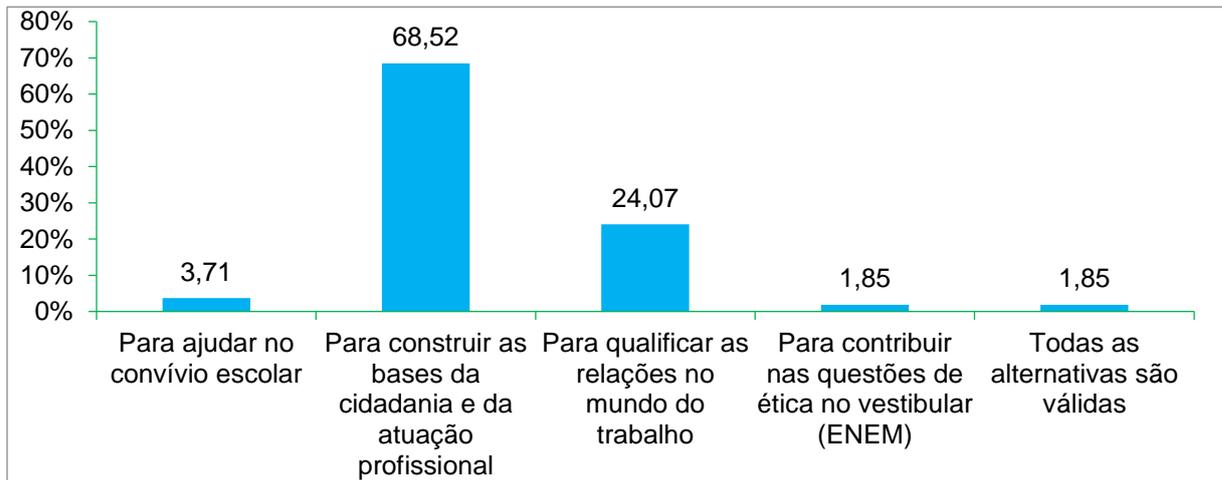
Como se entende a resposta positiva unânime dos professores? Ou seja, porque eles entendem que a formação ética deve ser ofertada? Há várias respostas possíveis. Crê-se que seja motivado pela crise generalizada dos valores éticos que caracteriza a sociedade e, sob esta pressão, almejam que haja a formação ética na escola, pois, veem o ambiente escolar como o *lócus* apropriado para tratar de questões éticas fundamentais.

É possível ainda, que a positiva unanimidade dos professores entrevistados tenha conexões com os conhecimentos sobre as matrizes legalistas das políticas educacionais, pois, e apoiados nesses preceitos legais, percebem a importância da formação ética na escola.

Diante dessas possibilidades, se os sujeitos em geral desconhecessem os parâmetros da legalidade, ainda assim, ressaltariam em coro a relevância da ética? É possível sim que, independente das normas jurídicas, a prática ética seja um hábito social, desde que aderida à alta relevância pedagógica dos princípios éticos,

nos processos formativos na escola e fora dela, e conseqüentemente, emergirão os efeitos benéficos na formação profissional e na convivência social, em geral.

Gráfico 2 - Em que sentido a formação ética como matéria estudada no Ensino Médio Integrado deve estar no seu curso?



Fonte: pesquisa sistematizada pelo autor

No gráfico 2, têm-se 68,52% (37 alunos) consideram que a formação ética deve ter um “direcionamento à cidadania e ao trabalho”; 24,07% para “qualificar para as relações no mundo do trabalho” (13 deles); 3,71% (2 alunos) entendem que é para “ajudar no convívio escolar”, e dois blocos de respostas tiveram igual percentagem (1,85% - 1 aluno cada), respectivamente: “contribuir no vestibular” e “todas as alternativas são válidas” (este entendeu que todas as alternativas têm sua razão de ser).

No limiar dessa última resposta, “todas as alternativas são válidas”, ela só eleva ainda mais os percentuais, na direção que a ética deve estar na matriz curricular em todos os cursos no EMI no IFPA Campus Belém. Afirmação que ratifica a tese levantada na análise do gráfico 1, na altura da reflexão: Diante dessas possibilidades, se os sujeitos em geral desconhecessem os parâmetros da legalidade, ainda assim, ressaltariam em coro a relevância da ética? Sobre à alta relevância pedagógica de adesão dos princípios éticos, pelos agentes formativos envolvidos nos processos da escola e fora dela.

Constatou-se que na condição de alunos concluintes, ávidos de ingressar no mundo do trabalho, eles na sua maioria consideram que a categoria trabalho e cidadania devem marcar a formação ética no EMI.

O EMI como projeto de educação para garantir a legítima participação na vida cidadã, fazendo do trabalho o princípio educativo. Esse papel educacional, além de estar comprometido com as lutas sociais, tem na sua concepção uma dimensão política-cidadã. E nesta concepção, a formação ética é parte integrante, enfatize-se.

Para clarificar essa categoria é certo que:

Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço. É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil, não apenas pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania, mas também pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos (PINSKY, 2008, p. 9).

Há uma pergunta direcionada aos professores que tem um ponto comum aqui. Ela se inicia afirmando: “A formação ética é condição humana indispensável à educação/profissionalização dos sujeitos em termos de comportamentos saudáveis. O professor concorda/discorda desta afirmação na trajetória da formação cidadã e profissional no âmbito do mundo do trabalho? É exatamente no final da pergunta que se verifica se a formação ética relaciona-se à cidadania e ao trabalho. Eis algumas respostas:

“Concordo e vou usar uma premissa da ética socrática: virtude é conhecimento. Então, não há como você agir bem se você não conhece o caminho da melhor forma de agir. Então a ética está atrelada a todos os conhecimentos justamente por isso. Então esse é o papel da escola, do professor, de mostrar que o conhecimento repercute no campo ético” (Participante 6). “Concordo. Entendo que é fundamental para o futuro profissional do aluno, mas para a cidadania também, pois as relações éticas não se dão apenas no mundo do trabalho” (Participante 4)

O participante 4 diz que cidadania e trabalho são reverberações da ética, ou seja, que tais categorias vêm na esteira da ética. O participante 6 entende que a cidadania e o trabalho ligados à formação ética no EMI contribuem para a o futuro profissional do aluno justificando que as relações interpessoais demandam questões éticas e que tais relações estão presentes na teia social, e não só no mundo do trabalho, daí a razão como causa para a formação ética estar solidamente edificada em ambas as categorias no EMI.

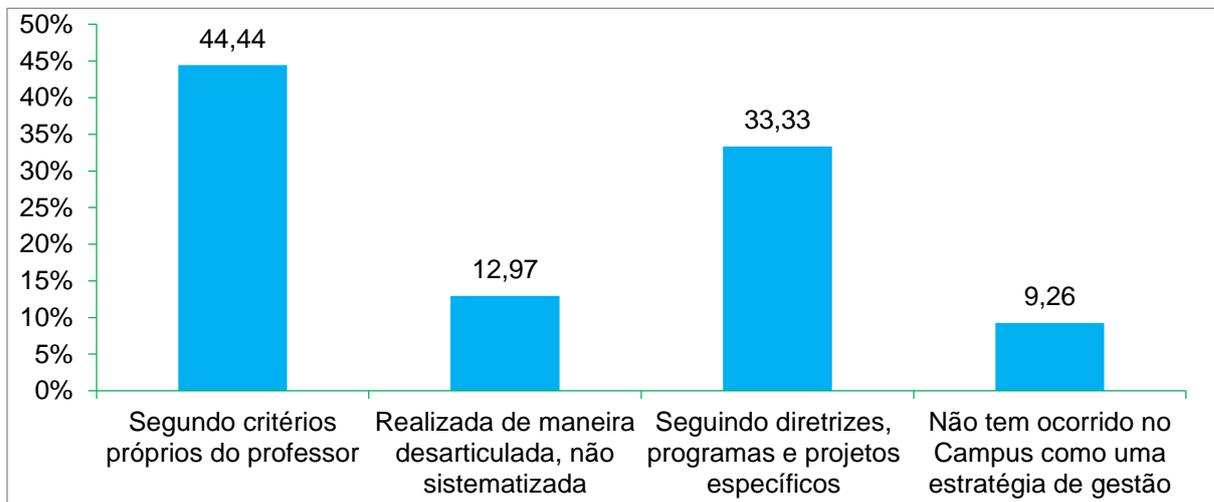
Percebe-se a concordância entre os professores pesquisados de que a formação ética está ligada à categoria cidadania e trabalho. Porém, no âmbito da efetividade nas práticas éticas, em geral, irrompe uma lacuna, o que nos faz concordar com a seguinte constatação:

Ao mesmo tempo em que todos reconhecem a importância da relação entre ética/moral e educação, tanto nas famílias, nas instituições sociais, na mídia e também na própria escola, o tratamento dispensado à ética denota antes menosprezo que apreço. No caso da escola, por exemplo, certamente não há diretor, nem orientador ou professor que não se digam comprometidos com a relevância da ética para o agir educativo. Mesmo assim, ao primeiro olhar sobre a estrutura curricular e o cotidiano escolar, constatamos que a ética ocupa um lugar bastante singelo, muitas vezes restrito a um recorte disciplinar (GOERGEN, 2005, p. 984)

Assim, é pertinente problematizar: ora se há unanimidade de que a formação ética deve ser ofertada e que a mesma se relaciona com a cidadania e o trabalho na esteira do que a natureza do EMI preconiza, por que, então, os reflexos de unanimidade não se materializam na estrutura dos currículos, no projeto pedagógico dos cursos, nos documentos institucionais com a devida clareza e direcionamento? E nas práticas de ensino e, em geral, apenas nuances muito tímidas, embebidas de excessos de cautelas.

O gráfico 3, abaixo, dialoga com essa reflexão e estabelece interfaces com a análise de Goergen, no gráfico acima.

Gráfico 3 - A formação ética tem ocorrido?



Fonte: pesquisa sistematizada pelo autor

Para 44,44% (24 alunos) os que atribuem que a formação ética ocorreu segundo critérios do professor; para 33,33% (18 alunos) a formação ética deu-se seguindo diretrizes, programas e projetos específicos nos cursos de EMI; 12,97% (7 alunos) entendem que a mesma se deu sem organização; e para 9,26% (5 alunos) a formação ética não ocorreu como estratégia de gestão da formação.

Na perspectiva dos professores quanto à pergunta relacionada com o gráfico 3, acima. “A formação ética, possui ou já possuiu alguma diretriz, programa ou projeto que a oferta significativamente no Campus Belém?”.

“Nos cursos EMI os temas éticos são muito recorrentes em dado momento do programa letivo. Agora na filosofia, os professores organizam os conteúdos programáticos dos cursos, estabelecendo na filosofia II os temas éticos, buscando com isso dar sentido e significado para os alunos que estão em formação e saindo para a vida adulta, que exige compreensão de temas acerca da liberdade, da responsabilidade, da vontade e da felicidade, por exemplo” (Participante 2).

“Sim, eu mesmo levei os alunos para uma palestra que tratava de ética: suicídio, por exemplo. Fiquei impressionada com a seguinte declaração: ‘a pessoa me destrata, não é ética comigo, me faz *bullying*, me dá apelidos depreciativos’. Então, vejo a ética dentro de algumas palestras aqui no Campus” (Participante 1).

Percebe-se que a formação ética tem ocorrido no Campus a partir de critérios próprios dos professores confirmando o que assinalou a maioria dos alunos participantes (44,44%).

O que se constata é que a formação ética tem sido ofertada de várias maneiras (poucas, na verdade) seja em palestras (por professores não de filosofia, destaque-se) ou mesmo nas aulas regulares de filosofia, enquanto componente curricular obrigatório do currículo.

Ou seja, não há um projeto alinhado com algum tema da ética articulado de modo transversal permitindo a compreensão dos conceitos éticos numa perspectiva dialógica referente ao trabalho e a cidadania em vias de liberdade individual e tomada de posição crítica, frente às complexidades do mundo contemporâneo. Não há a ética articulada neste horizonte social-político nas leituras e discussões nas salas de aula do EMI no Campus Belém.

O fato de os professores de filosofia do Campus elaborarem o planejamento e a distribuição dos conteúdos de ensino da filosofia, inserindo a ética na chamada filosofia II (o segundo ano letivo) indica que essa distribuição, não se configura como um método sistemático e integrado nos três anos dos cursos, ou seja, não se apresenta como uma estratégia didática de ensino dos conteúdos como iniciativa, visando à promoção da formação ética.

Logo, tal distribuição não passa de mera organização dos conteúdos na

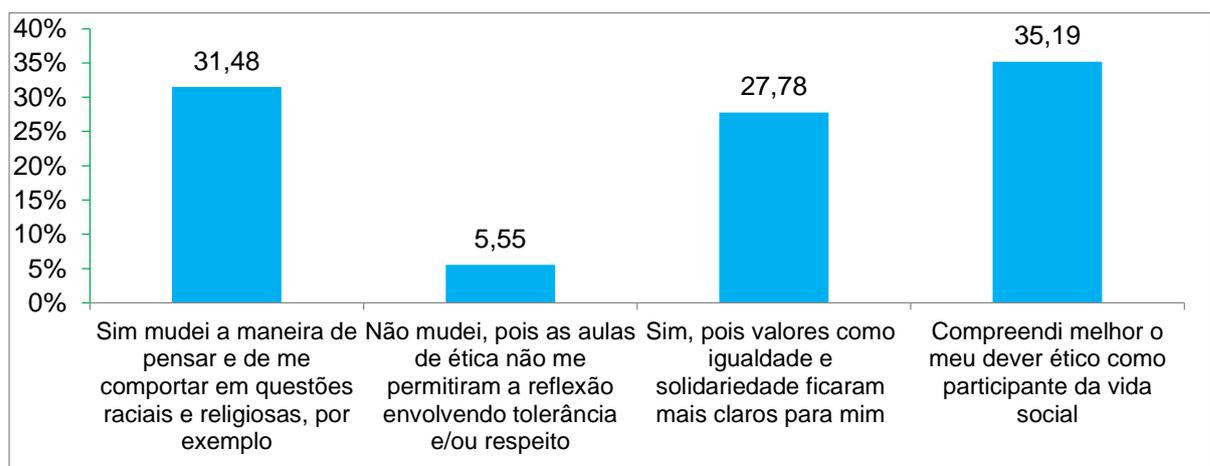
perspectiva de transmiti-los minimamente para que o aluno concluinte tenha condições de ingressar em níveis mais elevados de ensino ou tão somente para conhecimento do que se requer no ensino médio, seja este integrado ou não, e algum foco para contemplar as matrizes do ENEM.

A formação ética ocorrendo segundo critérios próprios do professor não quer dizer que a mesma seja deficiente, ou mesmo lacunar, ainda que se perca a dimensão integradora. Todavia, é certo afirmar que a formação ética ocorre sob as mais diversas concepções e modos, em muitas instituições de ensino, sem um fio condutor mais sistemático na altura da formação integral, como alvo e foco.

Daí é razoável afirmar que a formação ética no Campus Belém não deve se pautar a esta ou àquela disciplina em especial, ou mesmo à disciplina isolada. Embora, possa ser estratégico em termos de gestão pedagógica considerar que uma disciplina possa estar na vanguarda dos estudos éticos. Com a devida ponderação de que a formação ética pode agregar um projeto disciplinar e/ou interdisciplinar conjuntamente, visando atingir todos os espaços pedagógicos do Campus e mesmo fora do Campus, já que o mesmo se estende para a comunidade que o cerca.

Em síntese, a formação ética deve perpassar os diferentes recortes de tempo, metodologias e disciplinas, sejam estas da base comum e/ou da base técnica.

Gráfico 4- A partir dos estudos da ética você mudou de pensamento e comportamento diante de situações que você, até então, não entendia plenamente?



Fonte: pesquisa sistematizada pelo autor

No gráfico 4, acima, das quatro categorias, três possuem respostas afirmativas de que os estudos éticos de uma certa maneira resultaram em mudança

de pensamento e/ou conduta. Isso nos permite relacionar com a ideia de que:

(...) essa formação ética deve resultar na formação de personalidades éticas, ou seja, indivíduos que escolham, incorporem e hierarquizem, de modo autônomo, valores que considerem válidos para si e para qualquer pessoa, com base no princípio de dignidade para todos. (MENIN et al, 2017, p.5-6).

Percebe-se que a mudança se deu positivamente no comportamento de 35,19% (19 alunos), no sentido de maior entendimento do dever ético enquanto sujeitos sociais; 31,48% (17 alunos) mais respeito nas questões raciais e religiosas; 27,78% (15 alunos) afirmaram que as aulas fortaleceram os valores de igualdade e solidariedade; e 5,55% (3 alunos), se posicionaram dizendo que as aulas não permitiram aprofundamentos nas questões envolvendo tolerância e/ou respeito.

O percentual de 5,55% (3 alunos), ainda que considerado baixo, nos remete ao pensamento de Goergen (2001, p. 153), no sentido de repensar o papel da educação como uma (trans) formação, ou seja, sempre em movimento, “A educação não pode gerar nos alunos um conjunto acabado de disposições (virtudes) voltadas para a justiça, para o respeito ou a solidariedade”. Em outros termos, “não é pela educação que alguém se torna justo” (GOERGEN, 2001, p. 153).

Na perspectiva dele, a ética e seus valores uma vez transmitidos não se constituem decisivamente em moldar falas, atos ou pensamentos. Mas o que se entende como fracasso dos modelos até então formulados, pode na verdade ser de grande vantagem. Por quê?

Porque é próprio da história do pensamento o caminhar de ideias que ora se confluem e ora se opõe mutuamente e depois ressurgem com perspectivas contextualizadas a cada época como hoje: no ambiente escolar cada vez mais multiétnico, multirreligioso, ou seja, multiplural é de se compreender a negação dos valores morais outrora tão coerentes como válidos para o contexto atual. Reconhecendo essa conjuntura pode-se defender que é uma necessidade para os dias atuais uma nova perspectiva no que diz respeito à formação ética:

(...) o que a educação pode fazer é abrir aos alunos o mundo do agir moral por meio de um processo pedagógico/reflexivo/comunicativo a respeito das proposições morais que integram o ambiente cultural. Mesmo assim, a introdução do aluno no mundo moral e sua familiarização com as expectativas de comportamento (normas) culturalmente estabelecidas não significam que ele de fato irá comportar-se em conformidade com isso (GOERGEN, 2001, p. 155).

Concorda-se com Goergen de que este é o papel da formação ética hoje: possibilitar o acesso dos alunos no mundo do debate crítico acerca de tudo que se refere à moralidade historicamente produzida considerando os inúmeros contextos

das sociedades organizadas até então.

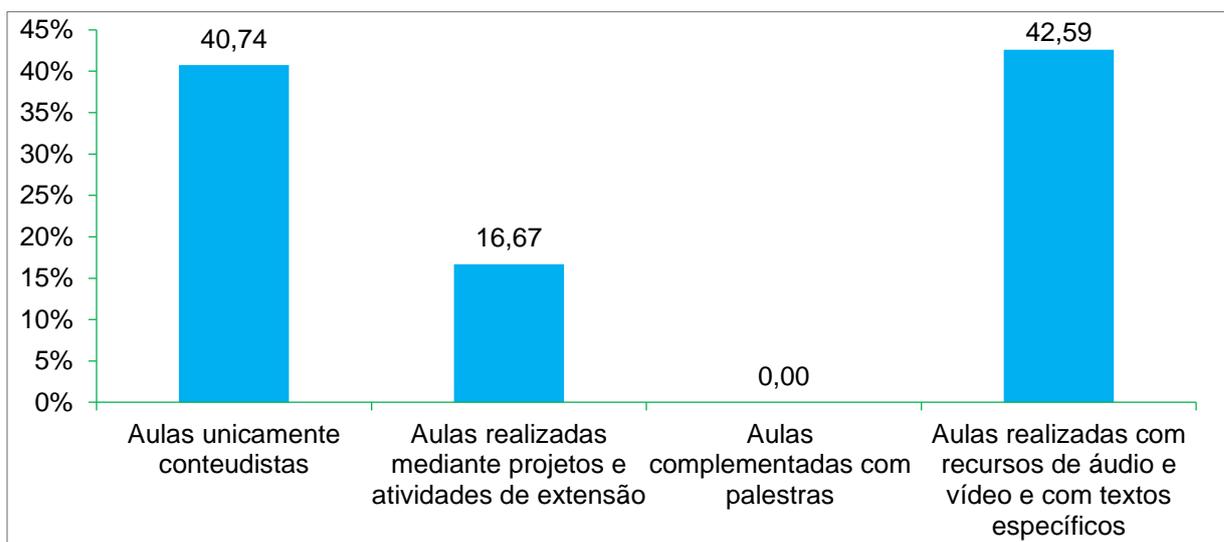
Nesse debate pode ocorrer a mudança pela prática de algum princípio ético, mas, nunca sem antes à problematização do mesmo, ou seja, sem a devida compreensão de seus fundamentos, seus fins e sua dimensão coletiva da qual todos fazemos parte.

Isso remete ao pensamento de Aristóteles, no que tange à ideia de que formar o caráter se dá mediante bons hábitos e que tais hábitos exigem árdua tarefa e que a educação tem papel decisivo nisso, qual seja: contribuir para que se possa dominar nossos desejos de modo que as ações corretas redundem na obtenção do prazer, enquanto que as ações não corretas redundam naturalmente em sofrimento.

Em Aristóteles, a vida ética se dá mediante a realização de atos que permitem ao sujeito estabelecer relações, através das quais aprenderá a se tornar ético. É por isto que é insuficiente o mero conhecimento das virtudes, “No tocante à virtude, não basta saber, devemos tentar possuí-la e usá-la ou experimentar qualquer outro meio que se nos antepare de nos tornarmos bons” (ARISTÓTELES, 1984, p.232).

Sendo em Goergen ou em Aristóteles, a prática que a formação ética possibilita ao mudar condutas ou pensamentos, ocorre primeiramente o cartão de entrada no debate ético da atualidade, implica que a ética enquanto educação tem um objetivo a cumprir: seja na conduta efetiva do dia a dia ou mesmo no campo da reflexão comunicativa. De qualquer modo, tais caminhos são bem-vindos.

Gráfico 5 - Os estudos da ética realizados ao longo do curso foram através de:



Fonte: pesquisa sistematizada pelo autor

No gráfico 5, acima, no limiar da pergunta principal, 42,59% (23 alunos) destacaram que os estudos da ética se deram por textos específicos e com recursos de áudio e vídeo; 40,74% (22 alunos) entenderam que as aulas foram conteudistas, ou seja, transmissão dos conceitos éticos em aula expositiva; e 16,67% (9 alunos) apontaram que os estudos se deram mediante projetos e atividades de extensão. A alternativa que previa os estudos de ética com palestras contabilizou 0,00%.

Para Goergen (2001) a formação ética deve possibilitar a entrada dos alunos no conflitante mundo das diferentes concepções acerca da moralidade, pois tal ambiente cria as condições para a discussão, propiciando a compreensão dos conceitos éticos. Tal ambiente se dá no acesso à leitura dos pensadores, isto é, leituras seguida de reflexão e discussão acerca dos grandes temas éticos são partes constitutivas da formação ética (42,59%).

Para 16,66% a ética ocorreu mediante projetos de ensino e atividades de extensão. Isso corrobora o pensamento de Menin et al, (2017, p.4), no sentido de que a formação ética deve se dar: “(...) de forma intencional e planejada”.

Não se trata de atribuir à formação ética o papel de salvação primeira e última da sociedade, mas que o homem entenda que ele é parte integrante da mesma e que sua natureza é social e que a mesma demanda arte, ciência, religião e ética.

Importante a resposta de um dos professores entrevistados para se entender um pouco mais os estudos da ética. A pergunta foi: “A formação ética, possui ou já possuiu alguma diretriz, programa ou projeto que a oferta significativamente no Campus Belém? Eis a resposta do participante 2:

“Eu começo pelos programas dos cursos e das disciplinas. Em história há temas transversais em direitos humanos. Mas de sociologia e filosofia esses temas são muito recorrentes, num dado momento do programa. Falando da filosofia, planejamos todo o programa: filosofia I, II, III e IV e estabelecemos que na filosofia II discutirá ética associada à filosofia política. Então, na filosofia nós estudamos com base no livro didático junto de outras fontes e fazemos essa reflexão buscando dar sentido para a vida dos alunos”.

Percebe-se que, longe de apresentar um projeto de ensino ou de extensão, ele parece confirmar o que 40,74% dos alunos disseram: estudaram uma ética conteudista, ou seja, os estudos da ética foram programados para a disciplina

“filosofia II” sem menção a qualquer iniciativa dessa temática que não seja a aula em si mesma.

Isso indica uma prática educacional tradicional, inteiramente desligada do fomento de capacidades, habilidades e atributos dos alunos que a ética uma vez ensinada em consonância à cidadania e o trabalho implicam. Diferentemente, e numa outra frente, disse o participante 3:

“Esses projetos são feitos pelos professores. Há alguns professores que tem essa linha de pesquisa. Não sei dizer quais deles especificamente. Inclusive professores que não são de filosofia tem projeto nessa linha de abordagem”.

Por outro lado, percebe-se que tais projetos não se limitam ou são iniciativas dos professores de filosofia, mas devido a pertinência da formação ética, outros professores entendem que devem realizar alguma ação nesse sentido: organizar e aplicar um projeto de ensino que discuta as questões éticas junto aos alunos.

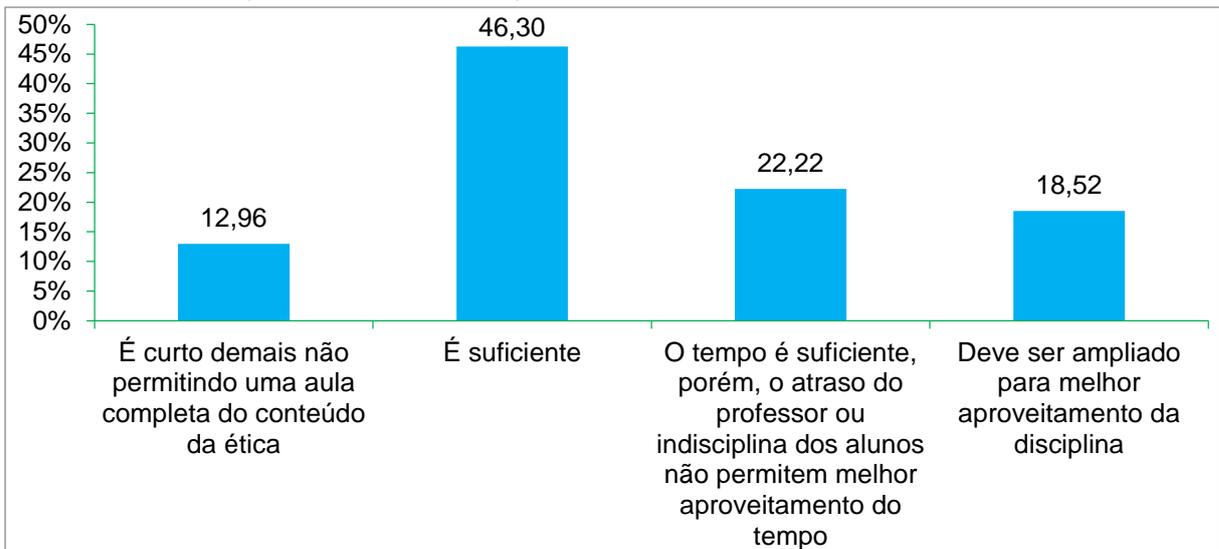
“Se faz eu desconheço. Não entro nesse ramo. Mas há um cronograma de palestras num determinado campo de conhecimento. Hoje foi sobre o suicídio. Pode ser que tenha de ética, mas desconheço” (Participante 5).

Parece incrível, mas isso indica o quanto a ética necessita fincar os pés no EMI, pois, se por um lado há unanimidade entre professores quanto a sua relevância, por outro, há uma lacuna no quesito efetividade, e de uma visão interdisciplinar sobre a temática, e é claro, interfaces com o tema ‘suicídio’, que reverbera em questões da dimensão ética.

Ninguém assinalou os estudos da ética mediante palestras. Uma explicação possível, talvez, esteja no fato de que tais palestras não sejam organizadas pelos professores de filosofia, ou pela coordenação de cursos ou pedagógica. O que pode ser uma estratégia didática a ser adotada e, portanto, palestras tendo a ética como tema gerador e/ou integrador.

É importante ainda esclarecer que independente da área do professor, mesmo que a ética esteja na matriz da filosofia, a discussão ética não se limita por área de conhecimento, pois a ética é transversal.

Gráfico 6- O tempo de aula da disciplina filosofia no seu curso EMI:



Fonte: pesquisa sistematizada pelo autor

No gráfico 6, acima, considerando a questão no topo do gráfico, no entendimento de 46,30% (25 alunos) o tempo é suficiente; para 22,22% (12 alunos) o tempo fica comprometido pela indisciplina dos alunos e o atraso do professor, ou seja, o tempo precisa ser melhor aproveitado; para 18,52% (10 alunos) consideram o tempo insuficiente e defendem sua ampliação para melhor estudo da ética; e 12,96% (7 alunos) o tempo de aula semanal é curto demais para um melhor rendimento dos conteúdos éticos.

Menin et al, (2017, p. 2) ao analisarem as características dos projetos envolvendo a educação ética, consideraram o elemento tempo nas seguintes questões: “Como e por que elas ocorrem, de que forma, quem as consolida, *quanto tempo duram*, qual a formação recebida para que seja realizada”. Quando se entende que o elemento tempo deve ser considerado, indica que o mesmo integra um conjunto sistematizado para que qualquer projeto, aula ou outra iniciativa pedagógica qualquer, tenha minimamente, as condições necessárias para serem bem-sucedidas.

Analisando de forma integrada, vejamos as perspectivas dos professores entrevistados: “Na sua opinião o tempo de 2h semanal para os estudos éticos são considerados satisfatórios à formação do cidadão/trabalhador? As respostas foram:

“O problema não é o tempo e sim que o aluno tem de quinze a dezessete disciplinas no semestre. Como ele vai se concentrar ou mesmo se aprofundar um pouquinho que seja no conteúdo ético, se ele tem a concorrência de 14 ou 17

disciplinas? Acho que é razoável trabalhar duas horas semanais. Duas horas são razoáveis desde que o aluno consiga fazer em sua casa uma leitura complementar, realizar as atividades propostas. Mas, essas duas horas num contexto de grande concorrência. Você vê a realidade dos alunos e vê que não dá. O problema não é o tempo. O problema é a sobrecarga ” (Participante 5).

“É suficiente. É o mínimo que se possa exigir de uma reflexão, pois tem outras áreas mais específicas do campo das tecnologias que demandam tempo e tem turmas que estão no contra turno, por conta de que existem muitas disciplinas e pouco espaço, e não sei onde vamos chegar com isso. Eu acho que o tempo está de bom tamanho” (Participante 4).

Há consenso entre alunos e professores de que o tempo é suficiente. Mas, a quantidade de disciplinas semestrais foi destacada. Esta observação é crucial porque compromete a qualidade da formação ética. Sensível a isso o IFPA através da pró-reitoria de ensino (PROEN) mediante as Diretrizes para Reorganização para os Cursos Técnicos na Forma Integrada prevê várias estratégias para o fortalecimento da EPT.

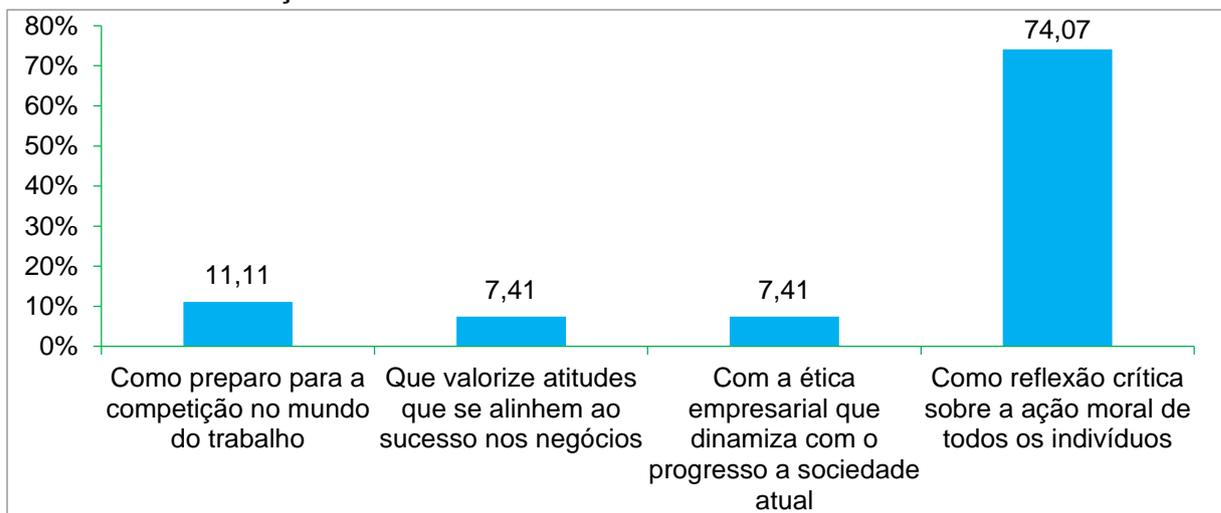
Tais diretrizes apontam propostas e etapas a serem percorridas, que envolvam estudos e ações da gestão do ensino que devem culminar na reformulação do Projeto Pedagógico de Curso (PPC), para incorporação de novas práticas.

O que preconiza esta reformulação do PPC? Ora, têm-se reconhecido que os alunos do EMI deveriam ter um currículo mais “enxuto” que garanta a qualidade do ensino e maior aproveitamento dos cursos. Daí a necessidade de alguns ajustes: duração dos cursos (o que implica no elemento tempo), organização dos componentes curriculares etc. Especificamente, no que se refere à duração dos cursos: “(...) admite-se uma redução de até 400 horas na carga horária do Ensino Médio, quando oferecido com projeto unificado das duas formações, seja na forma integrada ou concomitante” (IFPA, 2017, p.6). E mais:

(...) é viável a oferta de Cursos Técnicos Integrados em um único turno, com aula de segunda a sexta, com duração de três anos, com disponibilidade de alocar no próprio turno atividades de educação física, projetos e atendimentos intraescolares, atendo-se aos mínimos de carga horária definido para curso, conforme legislação, e utilizando os 20% EAD, que ainda possibilitará que ganhemos expertise numa modalidade muito estratégica para o crescimento institucional. Teremos uma média 4,5 aulas/dia, abrindo espaços para demais atividades e melhor organização das rotinas do aluno (IFPA, 2017, p.7).

Há em andamento, portanto, a reformulação dos cursos integrados. Quanto ao elemento tempo isso permitirá que os alunos disponham de melhor organização curricular para maior aproveitamento dos cursos e, conseqüentemente, isso será bom para a formação ética enquanto parte integrante do EMI.

Gráfico 7– A formação ética deve ser entendida:



Fonte: pesquisa sistematizada pelo autor

No gráfico 7, acima, buscou-se averiguar como a formação ética deve ser entendida no sentido de, para onde deve ser voltada e a que se destina. Para 11,11% (6 alunos) ela deve preparar à competição no mundo do trabalho; 7,41% (4 alunos) voltada para se obter certas atitudes alinhadas ao sucesso nos negócios; 7,41% (4 alunos), a formação ética deve estar alinhada com a ética empresarial, pois a mesma está comprometida com o progresso da sociedade; e para 74,07% (40 alunos), a maioria, a formação ética deve promover a reflexão crítica sobre a ação moral de todos os indivíduos (que vivem em sociedade, *grifo nosso*).

Embora a maioria neste tópico tenha respondido que a formação ética deve ser compreendida em termos de reflexão pautada na crítica da moralidade em todos os seus aspectos, percentuais menores afluíram à compreensão da formação ética envolvendo conceitos como “competição no mundo do trabalho”, “sucesso nos negócios” e “ética empresarial”.

Essas percepções não estão na base fundante da concepção e nos objetivos basilares da proposta de formação ética no EMI, ainda que se possa contextualizar na conjuntura capitalista atual, que precisamos criar oportunidades de diálogo e trabalho digno aos homens e mulheres trabalhadores.

Entretanto, o objetivo central da formação ética é de incrementar na estrutura curricular da formação, no âmbito do “mundo do trabalho”, refletir criticamente sobre formas de superação das condições impostas pelo capital estrutural.

Sendo assim, então, a formação ética deve estar comprometida com as condições de alteridade nas relações no mundo do trabalho, e investir na liberdade, na emancipação, na plena conscientização dos sujeitos trabalhadores no sentido de tomarem posições coerentes diante dos desafios que movem o mundo atual.

Demanda daí uma pergunta de imensa importância: qual a relação entre ética e educação?

Se os modos de vida atual valorizam a competição, o consumo, o uso pragmático e instrumental de pessoas como produtos, a “liquidez”, a superficialidade e a temporariedade das relações, a força da aparência e da posse, e se estes predominam atualmente como valores e metas sociais e individuais, por que a escola deveria – e como poderia -, dedicar-se ao ensino de valores contrários a essa tendência? (Menin et al, 2017, p. 15-16).

É na esteira da compreensão de Goergen que se responde à primeira questão (por que a escola deveria), ao analisar os filósofos da Teoria Crítica:

(...) defendem a ideia de educação moral focada na melhoria das condições sociais e que tem as características de uma educação política. A teoria crítica investe num conceito de consciência moral que se realiza na conscientização dos jovens e adultos a respeito da necessidade de transformações sociais e individuais que visem uma organização social mais digna e justa. Educação é compreendida como um modo de práxis social que, mediante a comunicação, promova a assunção de convicção e práticas comprometidas com a superação da desumanidade e barbárie que marcam a sociedade. O educador deve ele próprio assumir compromissos políticos, colocando seu engajamento ao debate público para motivar os educandos a se engajarem também na luta pela melhoria das condições sociais (GOERGEN, 2005, p. 1001).

Quanto à segunda pergunta (como a escola poderia dedicar-se ao ensino de valores), Menin et al, (2017, p. 5) consideram que os projetos devem ser organizados e planejados mediante ações cooperativas estabelecidas pela escola juntamente com a família e outras instituições para que ganhe viabilidade e alcance êxito, destacando o que acreditamos ser mais adequada à natureza da ética – a promoção do diálogo:

(...) para uma formação moral para a autonomia, a capacidade para o diálogo aparece como a mais fundamental. Se valores devem ser construídos coletivamente, ao invés de impostos, o diálogo entre professores e alunos e demais membros da escola é a condição dessa construção, e pode ser planejado e previsto em diferentes espaços e momentos da vida escolar.

Nessa direção, portanto, é que a formação ética pode estar alinhada com os pressupostos da EPT em particular no EMI.

5 CONCLUSÕES

A pesquisa mostrou unanimidade dos professores quanto a oferta da formação ética no EMI. Quanto aos alunos a maioria vê a formação ética voltada para as dimensões da cidadania e o mundo do trabalho. Verificou-se ainda que a formação ética tem sido ofertada restritamente a sala de aula e de modo desarticulado com outras disciplinas, com ênfase demasiada no conteudismo, alheio à discussão crítico-reflexiva, pressionado pelo excesso de disciplinas semestrais no EMI.

Isso evidencia a ausência de diretrizes norteadoras acerca da ética no EMI, pois a LDB reza a ética no currículo, mas nas demais leis da educação não há tal clareza. Os próprios teóricos da EPT tratam a ética de maneira secundária, apresentada como produto cultural, desconsiderando seu poder de formação.

Se almeja-se o EMI solidificado como projeto societário, então, deve-se dar especial atenção à formação ética, enquanto ferramenta de esclarecimento no contexto das lutas sociais. Mas, para esta meta se efetivar, é preciso mais clareza na EPT, no sentido da integralidade.

Portanto, a educação não deve estar restrita ao aspecto meramente instrutivo, pois sua premissa maior é formar sujeitos políticos e cidadãos éticos. Por isso a educação precisa unir instrução científica e instrução ética fazendo desta última a principal finalidade da educação, pois um povo ético jamais permitirá a barbárie!

Discutir a relevância da formação ética implica em reavaliar as práticas docentes, o conteúdo ministrado e a metodologia empregada no sentido de guiar a um planejamento didático-pedagógico que considere tal formação em um plano não secundário, mas digna de saber transversal, porque perpassa as múltiplas dimensões da formação humana.

Embora certa unanimidade sobre formação ética a materialidade nos currículos, no projeto pedagógico dos cursos, nos documentos institucionais e nas práticas de ensino, não se concretiza em geral, apenas, nuances muito tímidas, embebidas de excessos de cautelas. Não aparece a ética articulando os processos sociopolíticos, as leituras e discussões nas salas de aula do EMI no Campus Belém. Ou seja, não há um projeto alinhado com algum tema da ética articulado de modo transversal permitindo a compreensão dos conceitos éticos numa perspectiva dialógica referente ao trabalho e a cidadania.

Por outro lado, no planejamento pedagógico em geral, a formação ética passa à margem, como mera organização dos conteúdos para que o aluno tenha condições de ingressar em níveis mais elevados de ensino, ou tão somente para conhecimento do que se requer no ensino médio, seja este integrado ou não, e algum foco para contemplar as matrizes do ENEM. Em outras palavras, constatou-se que essa organização, não se configura como um método sistemático nos três anos letivos dos cursos, ou seja, não se apresenta como uma estratégia didática de ensino visando a promoção da formação ética.

E muito importante também esclarecer que independentemente da área do professor, ainda que a ética esteja na matriz da filosofia, a discussão ética não se limita por área de conhecimento, a ética é transversal.

Por hora, nossa esperança é que a EPT possa fomentar as discussões no sentido de que haja diretrizes, resoluções, programas, projetos e leis, ou o que contribua para que a EPT ganhe maior integralidade e que haja entre seus objetivos algo mais específico referente à formação ética.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo, Abril Cultural. 1984.
- ALVES, Aida; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo Pioneira, 2003.
- ARANHA, M. e MARTINS M. **Filosofando: Introdução à Filosofia**, São Paulo, Moderna, 1993.
- BELÉM. IFPA. **Diretrizes para Reorganização dos Cursos Técnicos Integrados**. Abril/2018– PROEN.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 dez. 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução Nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 set. 2012.
- CENCI, Angelo. Educação e ética: aproximações a partir de Aristóteles e Kant. *In*: DALBOSCO, Cláudio; CASAGRANDE, Edson; MUHL, Eldon. **Filosofia e Pedagogia**. Autores Associados. 2008.
- CENCI, Angelo; DALBOSCO, Cláudio. Ética e educação. *In*: TORRES, José. **Manual de Ética**. Vozes. 2014.
- CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia**. S. Paulo, Brasiliense. 1997.
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, nº. 24, 2004.
- GOERGEN, Pedro. Educação e Valores no Mundo Contemporâneo. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, nº. 92, p. 983-1011, out. 2005.
- GOERGEN, Pedro. Educação Moral: adestramento ou reflexão comunicativa? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, nº. 76, p. 147-174, out. 2001.
- KANT, I. **Metafísica dos Costumes**. Vozes, Petrópolis, 2013.
- KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 1996.
- MARX e ENGELS. **A ideologia alemã**. Barcelona: Grijalbo, 1974.

MENIN, Maria; BATAGLIA, Patricia; ZECHI, Juliana (Org). **Projetos Bem-Sucedidos de Educação em Valores**: relatos de escolas públicas brasileiras. São Paulo: Cortez, 2017.

PACHECO, Eliezer. **Institutos Federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. São Paulo: Moderna, 2011.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **História da Cidadania**. Contexto. São Paulo. 2008.

RAMOS, Marise. **Concepção de Ensino Médio Integrado**. Curitiba: Secretaria de Educação do Paraná, 2008.

RAMOS, Marise. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. 2009.

VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e Educação**: Fundamentos Ontológicos e Históricos. Revista Brasileira de Educação. V.12 nº 34 jan/abr 2007.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

FORMAÇÃO ÉTICA EM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS INTERATIVAS



PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



**INSTITUTO
FEDERAL**
PARÁ



Willi Jansen

Orientador: Prof. Dr. Haroldo Bentes

Belém/PA
2020

FICHA TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Título: Formação Ética em Sequências Didáticas Interativas.

Autor: Willi Jansen Ferreira.

Orientador: Prof. Dr. Haroldo de Vasconcelos Bentes.

Público Alvo: Professores de filosofia e demais professores do EMI.

Vínculo do Produto Educacional: Dissertação de Mestrado Profissional – A Relevância da Formação Ética na Educação Profissional e Tecnológica nos Cursos de Ensino Médio Integrado do IFPA Campus Belém.

Programa de Ensino: Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

Instituição Associada: Instituto Federal do Pará.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Lócus de Implementação do Produto Educacional: Instituto Federal do Pará – Campus Belém.

Palavras-chave: Ética. Educação Profissional e Tecnológica. Ensino Médio Integrado.

F 383f Ferreira, Willi Jansen.

Formação ética em sequencias didáticas interativas / Willi Jansen Ferreira. - Belém, 2020.

20 p.

Produto Educacional (Dissertação de Mestrado Profissional) – Instituto Federal do Pará, Campus Belém, Curso de Mestrado Profissional em EPT (PROFEPT), Belém, 2020.

Orientador: Haroldo Bentes

1. Ética. 2. Educação Profissional. 3. Ensino Médio Integrado. I. Bentes, Haroldo de Vasconcelos. II. Título.

CDD 170

Catalogado por: (Antônio Junior Estumano de Almeida – CRB2-1629)

APRESENTAÇÃO

Nossa proposta de produto educacional são sequências didáticas que abordem temas éticos fundamentais. A base inicial das sequências didáticas são as categorias que foram mais recorrentes coletadas na pesquisa de campo, ou seja, a partir do que foi mais apontado como sendo indispensável à formação ética no EMI se constituiu na base temática das sequências didáticas, no caso: cidadania e trabalho.

Contudo, o que são sequências didáticas? Em primeiro lugar, as sequências didáticas enquadram-se como produto educacional que visam em especial a melhoria do ensino na EPT, sobretudo. Consistem em propostas metodológicas para a organização e planejamento do ensino com objetivos e fins determinados.

Para esclarecer e mesmo contextualizar o que são as sequências didáticas encontramos suas definições e finalidades nas concepções de Zabala (1998), Oliveira (2013), Kohan (1999) e Schneuwly, Dolz e colaboradores (2004). Embora, certamente haja distinções de aceção e desenvolvimento metodológico relacionadas ao termo “sequência didática” nestes estudiosos, consideramos que na especificidade mesma de promover a formação ética no EMI a concepção de Maria Marly Oliveira demonstrou-se mais pertinente e adequada à natureza da ética, da filosofia e do EMI. Na concepção de Maria Oliveira, portanto, temos nossa base teórica das sequências didáticas. Ela define sequência didática como:

Um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si, e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino-aprendizagem.

Quais seriam, portanto, os passos básicos, as fases da sequência didática para Oliveira?

Escolha do tema a ser trabalhado; questionamentos para problematização do assunto a ser trabalhado; planejamento dos conteúdos; objetivos a serem atingidos no processo de ensino-aprendizagem; delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados (OLIVEIRA, 2013, p.40).

Maria Oliveira, então, propõe a sequência didática interativa (SDI) como proposta metodológica, muito adequada para conceitos éticos, enfatize-se. Sequência didática interativa é, portanto:

[...] proposta didático-metodológica que desenvolve uma série de atividades, tendo como ponto de partida a aplicação do círculo hermenêutico-dialético para identificação de conceitos/definições, que subsidiam os componentes curriculares (temas), e, que são associados de forma interativa com teoria (s) de aprendizagem e/ou propostas pedagógicas e metodologias, visando à construção de novos conhecimentos e saberes (OLIVEIRA, 2013, p. 43).

O objetivo da SDI é a construção de novos conhecimentos, de novos saberes.

São apresentados alguns passos:

Primeiro – sequência de atividades: 1) definir o tema e componente curricular a ser trabalhado, entregar uma ficha ao participante para que escreva seu conhecimento inicial sobre o assunto; 2) dividir a classe/turma em pequenos grupos para que sintetizem os conceitos surgidos em uma só frase; 3) eleger um líder de cada grupo para formar um novo grupo onde também farão uma síntese formando apenas uma frase do assunto; 4) conclui-se a primeira sequência de atividade com uma definição sobre o tema em estudo (OLIVEIRA, 2013, p. 44).

Passa-se, então, para o segundo bloco de atividades:

1) o desenvolvimento do embasamento teórico sobre o assunto; 2) depois da realização do embasamento teórico, o professor/coordenador escolhe uma atividade para o fechamento do tema que pode ser um seminário, confecção de pôsteres ou outras (OLIVEIRA, 2013, p. 46).

Pode-se perceber, na concepção de Oliveira, que a SDI deve ser elaborada na perspectiva do ensino de conteúdos através de atividades sequenciadas, organizadas com objetivos bem definidos e esclarecidos para os professores e alunos, que contribuirão para a aprendizagem e construção do conhecimento e de novos saberes. Deve, também, servir para a reflexão sobre a prática docente através da observação do seu processo de desenvolvimento e interação entre todos os envolvidos.

Assim, cremos que o ambiente de aprendizagem organizado pela SDI oportuniza o diálogo e a interação dos alunos promovendo a formação ética. Tendo em vista a especificidade da filosofia em valorizar a exposição dos conceitos e posterior consideração das perguntas e indagações pertinentes ao tema abordado, a proposta de organizar a sequência didática se mostra adequada a esta especificidade da filosofia. Eis aqui nossa justificativa para a escolha da SDI como nosso produto educacional na EPT: elas permitem esse traço característico da filosofia que é o de proporcionar a leitura, discussão, reflexão, indagação, e o ambiente dialogado na problematização do conceito ético para a vivência prática efetiva do dia a dia ou não.

Todavia, registre-se, não se limita a SDI unicamente para a disciplina filosofia, pois a ética sabidamente é de natureza transversal (adentra todo o conhecimento

humano) e enquanto estratégia de aprendizagem devem as sequencias didáticas interativas para a formação ética estarem voltadas para todas as áreas. A aplicabilidade da SDI é para todos os professores das diferentes disciplinas do EMI quer sejam eles da base comum ou mesmo da base técnica, ou seja, se o professor de química ou o professor da disciplina de mecânica dos solos, por exemplo, considerarem relevante ou mesmo imprescindível reservar de sua carga horária semestral duas ou mesmo três aulas para tratar de questões de natureza ética poderão obter êxito.

E mais: o objetivo da SDI na formação ética em especial é o de aprimorar o trabalho docente tanto da base comum quanto da base técnica contribuindo para a aprendizagem significativa da ética na vivência coletiva diária, favorecer a interdisciplinaridade necessariamente e a formação de leitores críticos e reflexivos no que diz respeito em especial aos grandes temas éticos que se relacionam com a teia social cotidiana em todos os seus âmbitos: trabalho, família, escola, religião, arte, poder, ciência, tecnologia entre outros.

Creemos que tal ambiente formativo proporcionado pela SDI fortalecerá também a compreensão ética de que dialogar significa não somente aceitar o risco de não prevalecer seu ponto de vista, quanto crer que, para além das opiniões e interesses que opõe os interlocutores entre si, existe um lugar comum no qual é possível tomar um caminho capaz de superar as particularidades individuais e alcançar uma universalidade.

Na filosofia, é de sua natureza reflexiva, fomentar um processo dialético aonde, os conteúdos filosóficos criem conexões com a realidade cotidiana, e a partir das interações em termos de conhecimentos e práticas, fomentem a mudança de comportamentos, favorecendo a transcendência da filosofia como saber teórico, e ao mesmo tempo, a metástase nas relações dos sujeitos sociais positivamente.

Deste modo, tal ambiente favorável à criação e apropriação de conceitos, permitirá a formação ética, pretendida para o exercício pleno da cidadania e participação efetiva no mundo do trabalho, o que configura a nossa proposta de resultado efetivo e mesmo concreto para o programa de pós-graduação em educação profissional e tecnológica.

METODOLOGIA DE IMPLEMENTAÇÃO DO PRODUTO

Nosso plano de implementação das sequências didáticas interativas está organizado no sentido de propiciar a discussão dos temas éticos relacionados em primeiro lugar com as dimensões da cidadania e do trabalho, pois ambas emergiram da pesquisa de campo. O local de implementação não poderia deixar de ser outro senão o próprio lócus da pesquisa, no caso o Campus Belém do IFPA nas turmas concluintes dos três cursos de ensino médio integrado (nosso recorte) que são: mecânica, eletrônica e telecomunicações.

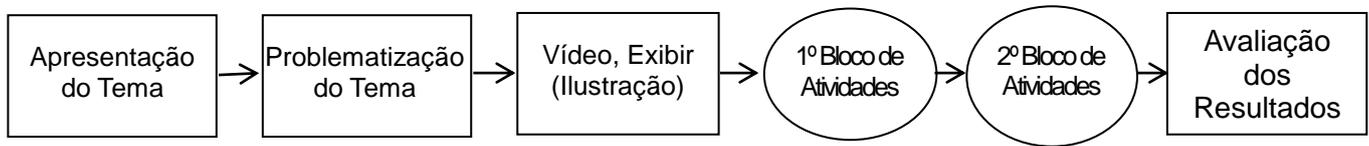
Deste modo, a escolha por esse produto educacional nas bases das demandas acadêmicas tem a expectativa de atender satisfatoriamente as necessidades do contexto do EMI e de seus sujeitos, a saber: alunos e professores num primeiro momento. Por isso, a contribuição significativa de tal produto educacional na esteira da ética e seu caráter dialógico e reflexivo, pode se dar na melhoria da educação profissional.

Eis, portanto, as nossas expectativas enquanto elaborávamos e definíamos os objetivos a serem alcançados com tal produto educacional antes de sua implementação efetiva: promover a discussão dos temas éticos contribuindo assim para a formação ética e na melhoria do EMI do referido Campus, enfatize-se!

A metodologia de implementação pretende-se concretizar nas fases seguintes:

- 1) Apresentação do tema
- 2) Problematização do tema
- 3) Exibir vídeo ilustrativo.
- 4) 1º bloco de atividades:
 - a) Cada aluno redige seu prévio conhecimento sobre o tema.
 - b) Dividir a turma em pequenos grupos para sintetizar o que foi escrito numa única frase.
 - c) Definir a partir da síntese o tema em estudo.
- 5) 2º bloco de atividades:
 - a) Desenvolvimento teórico do tema.
 - b) Apresentação de seminário, confecção de pôsteres ou gravação de vídeo etc.
- 6) Avaliação dos resultados.

Modelo Esquemático da Sequência Didática



Deste modo, portanto, a SDI no seu caráter interativo oportunizará a discussão crítica das dimensões identificadas na pesquisa, no caso a cidadania e o trabalho. Considerando que tais categorias trazem consigo uma multiplicidade de temas relacionados, cremos que por ocasião da implementação ou aplicação da SDI ocorrerá precisamente o surgimento de algum tema correlato ao trabalho relacionado aos dias atuais e que possui uma dimensão ética invariavelmente, pois se o trabalho é atividade relacional, então implica em convivência e daí a ética entra em cena de modo inevitável.

Assim buscamos verificar a viabilidade da atividade letiva pautada em sequências didáticas como um meio para a construção do conhecimento e o desenvolvimento do trabalho pedagógico em sala de aula no que se refere à ética nas suas múltiplas correlações.

Por fim almejamos, então, que a formação ética no EMI não implique na ideia de adesão cínica:

Uma das coisas que eu mais temo quando se tem um debate ético é a chamada adesão cínica. É quando o sujeito diz: “Nós temos de discutir ética, esse país só vai para frente com ética”. Mas ele mesmo, no dia a dia, comporta-se da seguinte maneira: “Isso é bobagem. O mundo é competitivo, a regra básica é cada um por si e Deus por todos. Cada um tem de se virar, senão a gente dança”. Esse tipo de adesão cínica é muito perigoso (CORTELLA, 2007, p.148).

SOBRE A SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA

Surgindo nos estudos de Maria Oliveira (2013) a SDI constitui-se numa proposta metodológica específica que aplicada no contexto da EPT e na esteira da formação ética será levada a efeito na perspectiva de ensinar conteúdos de natureza ético-moral relacionado em especial com as complexidades e desafios que o mundo do trabalho acarreta atualmente bem como nas configurações contraditórias da cidadania em todos as suas nuances.

Isso tudo mediante atividades sequenciadas, organizadas com objetivos claros e definidos para os professores e alunos, visando contribuir para a

aprendizagem e edificação do conhecimento e de aquisição de novos saberes.

A SDI se constitui, portanto, como proposta de ensino tal como a Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES) classifica e elenca os produtos educacionais: mídias e/ou protótipos educacionais, materiais interativos, propostas de ensino, desenvolvimento de aplicativos entre outros (BRASIL, 2016).

É certo que há no meio educacional diferentes acepções e desenvolvimentos metodológicos relacionadas ao termo “sequência didática”. A concepção de Maria Oliveira (2013) destaca-se, pois possui o especial ingrediente da interatividade, porquanto, permite a discussão dos temas e precisamente essa é a proposta, pois nessa discussão outros elementos se agregam necessariamente, a saber: a leitura e releitura, a discordância, a identificação de pontos e argumentos comuns e a concordância construída em coletividade entre outros.

Contudo, é de se ressaltar que referente à sequência didática enquanto proposta de ensino: “(...) é uma tríplice aventura: a da criação, a do próprio material e a do uso posterior, que muitas vezes escapa as intenções iniciais e aos cálculos dos criadores” (KAPLUN, 2013). Na coerência dessa declaração partiremos para a implementação do produto a fim de constatar quais dos verbos: atualizar, ampliar, corrigir ou ratificar se revelarão *in loco*.

O PLANEJAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA

A elaboração da SDI ocorreu ao longo da realização da pesquisa de campo onde se colheu as bases nas quais se ancoram a formação ética: trabalho e cidadania, a SDI dá-se numa totalidade composta por três etapas fundamentais que se desdobram em fases distintas e interligadas que são:

- 1) Apresentação do tema:
 - a) Contextualização do tema (trazer o tema para a sala de aula demonstrando sua importância e atualidade para que se tenha uma compreensão crítica do mesmo)
 - b) Problematização: através de questões norteadoras se criam as condições para a reflexão instaurando o inquérito aguçando o pensamento na construção das respostas.
 - c) Exibição de vídeo ilustrativo (tais vídeos devem ser breves e que se

relacionem com o tema: reportagem, clip musical propaganda comercial e etc).

2) 1º bloco de atividades.

- a) Cada aluno redige (numa ficha de papel) seu conhecimento prévio do tema a ser tratado e que já foi problematizado e contextualizado.
- b) Dividir a turma em pequenos grupos permitindo a interação e a discussão de cada ficha redigida buscando a síntese dos escritos numa única frase. Momento de construção coletiva.

3) 2º bloco de atividades

- a) O professor desenvolve o tema mediante os textos selecionados valendo-se dos recursos levantados: áudio, vídeo, textos impressos, quadro branco etc. É a aula propriamente dita. Aprofunda o tema desenvolvendo-o.
- b) Apresentação de seminários, confecção de pôsteres, gravação de vídeo ou outra atividade semelhante feita pelos alunos. Apresentação do tema trabalhado em sequência. Os alunos não foram meros ouvintes ou não se limitaram apenas na redação do tema e na discussão do mesmo, mas executaram uma atividade que demonstram o que foi trabalhado concluindo a sequência.

Em suma tal atividade sequenciada visa promover no aluno a discussão filosófica alargando a consciência crítica para o exercício da capacidade de se interrogar e para participar ativamente na cidade em que se vive de maneira autônoma. Isso porque no EMI a formação ética vem na proposta de contribuir na construção da visão de mundo dos alunos, ou seja, na construção de uma linha de conduta de natureza ética, política e cidadã devendo o mesmo converter seu modo de pensar para agir significativamente no seu meio. Isto é, as sequências didáticas interativas para a formação ética visam a demolição da consciência ingênua para a construção da consciência crítica-reflexiva. Nessa perspectiva a SDI enquanto proposta de ensino não se constitui em:

“(…) mera transposição didática de uma escola para outra. Muito menos um material didático pronto para ser manipulado por professores e estudantes. Pelo contrário, é vivo, contém fluência, movimento e nunca está pronto e acabado, porque representa a dinâmica das aulas” (SOUSA, 2015, p.4).

A seguir apresentamos a sequência didática que foi aplicada nas turmas concluintes

do EMI do Campus Belém (recorte da pesquisa) e seus desdobramentos.

TEMA: TRABALHO E ÉTICA

APRESENTAÇÃO: Certamente que o ensino na educação profissional e tecnológica demanda múltiplas estratégias de ensino. Entendemos que a sequência didática se adequa à natureza mesma da formação ética que visa fomentar nos alunos a reflexão dos grandes temas éticos e a prática efetiva dos princípios éticos tão urgentes na sociedade atual.

Deste modo, busca-se refletir mediante a leitura de textos filosóficos acerca de um dado tema demonstrando que a vida em sociedade, em especial no mundo do trabalho, exige a compreensão de conceitos para sabermos intervir conscientemente na realidade complexa que vivemos hoje, pois a educação profissional e tecnológica quer sim formar excelentes profissionais, mas, sobretudo, éticos também.

INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA/ PROBLEMATIZAÇÃO

Como podemos definir trabalho e quais os seus papéis? Em que sentido o trabalho é condição de liberdade do homem? Por qual motivo o trabalho se revestiu de características alienantes? Como a ética se relaciona ao mundo do trabalho? Como agir diante dos dilemas éticos que surgem na dinâmica do trabalho? Eis questões que demandam respostas satisfatórias pois decorrem de situações concretas vivenciadas por nós. Isso porque a temática do trabalho é sempre atual, pois este se constitui na eterna necessidade do homem, como diz Marx. Assim, o homem verdadeiramente é um ser que trabalha produzindo o mundo natural e a si mesmo.

PÚBLICO ALVO: TURMAS CONCLUINTE DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DE MECÂNICA, ELETRÔNICA E TELECOMUNICAÇÕES.

QUANTIDADE DE AULAS: UMA AULA (DOIS TEMPOS DE 50 MINUTOS)

CONTEÚDO MINISTRADO: TRABALHO: LIBERDADE E ALIENAÇÃO.

OBJETIVOS:

- Entender a perspectiva histórica e filosófica do trabalho.
- Distinguir o trabalho na condição de liberdade da condição de alienação do homem.

- Discutir com propriedade a ideia de que o trabalho enquanto atividade relacional implica em convivência e daí abre espaço para a ética.

VÍDEO, EXIBIR: Tempos Modernos, 1936, EUA, Direção Charles Chaplin: Obra que mostra a submissão do homem à máquina e a substituição do trabalho humano pelo mecânico, o que leva ao desemprego e à miséria. Mas mostra também a solidariedade que resiste à opressão do trabalho, eis a ética.

SEQUÊNCIA CONECTADA DE ATIVIDADES

1º BLOCO DE ATIVIDADES, PROPOR:

- 1) Entregar para cada aluno folha de papel para que redija seu prévio conhecimento sobre o tema da aula.
- 2) Dividir a turma em pequenos grupos para sintetizar o que foi escrito numa única frase.
- 3) Definir a partir da síntese o tema em estudo.

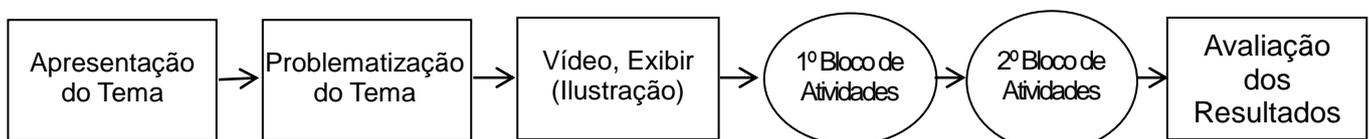
2º BLOCO DE ATIVIDADES, EXECUTAR

- 4) Desenvolvimento das bases teóricas sobre o tema do trabalho na perspectiva histórica e filosófica nas ideias de liberdade e alienação. (Texto de Marx O Capital I.1, seção III, cap. V e Manuscritos econômico-filosóficos, XXIII; de Aristóteles Política, cap. II, 12546b com cada aluno).
- 5) Identificação e problematização de conceitos e/ou definições que subsidiam o tema.
- 6) Apresentação de seminário ou confecção de pôsteres; gravação de vídeos etc.

RECURSOS DE ENSINO: TEXTO IMPRESSO, TELEVISÃO, QUADRO BRANCO E MARCADOR PARA QUADRO BRANCO.

OBS: A sequência didática (enquanto metodologia) na sua estrutura pode ser das mais diferentes. De acordo com o objetivo de ensino do professor ele poderá adequar as etapas da estrutura da sequência didática a fim de lhe permitir a aprendizagem de um determinado conteúdo temático.

Modelo Esquemático da Sequência Didática



AVALIAÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Devido a imprevisível, trágica e histórica pandemia da covid-19 a implementação do produto educacional deu-se via internet mediante aplicativo de web conferência. Na ocasião pudemos verificar que a despeito de algumas pequenas dificuldades técnicas que escapam de nossa previsibilidade a participação dos alunos ocorreu de forma a corroborar nossa expectativa quanto a proposta da sequência didática interativa: a promoção do debate a partir do tema tratado deu-se positivamente.

Ratificamos ainda que por ocasião da aplicação do produto educacional o tema abordado (ética e trabalho) trouxe consigo temas correlatos. É de se esperar, como de fato esperávamos, que assim fosse porque a natureza do debate que lá se instaurou a partir dos conceitos lançados permite exatamente isso. Exemplos de fala nesse sentido:

“ Com a pandemia o trabalhador em trabalho remoto trabalha o dobro e sem conhecer as ferramentas (de trabalho remoto) recebendo o mesmo salário (Aluno 1). O aluno 1 trouxe ao debate a questão do trabalho remoto que certamente com esta pandemia passará a ter maior configuração a partir de então como nunca dantes.

“ No mundo do trabalho cada vez mais mecanizado como o trabalhador irá exercer o mesmo enquanto condição de liberdade se em seu lugar estará a máquina, o robô? (Aluno 2)

Já o participante 2 instaurou o inquérito acerca das máquinas substituindo o homem no trabalho privando-o da realização que o trabalho traz para a constituição do ser do homem.

A partir deste ponto pudemos inserir a ética na discussão. Isso porque? Ora aproveitamos a abertura propiciada quando num momento do debate perguntou-se: “Até que ponto é ético as máquinas substituírem os homens no trabalho sendo que é pelo trabalho que o homem se constrói enquanto homem? Eis uma pergunta que se entrelaçou com o trabalho na esteira da robotização crescente e da exclusão do homem deste processo.

Até aqui podemos então confirmar ou mesmo corroborar que na testagem do produto educacional que é a sequência didática interativa o objetivo precípua de fomentar a discussão a partir dos temas éticos na relação com a cidadania e o trabalho correspondeu a nossa expectativa inicial conforme se revela nas falas registradas acima, porquanto, possui efetivamente a condição pedagógica de

contribuir significativamente na construção e problematização de conceitos e temas na esteira da ética e do trabalho no mundo plural que vivemos hoje.

Nesse sentido, ratificamos que sendo a discussão promovida no sentido de propiciar o domínio intelectual de um dado conceito para significativa intervenção no cotidiano, então a sequência didática enquanto proposta de ensino contribui em atender as necessidades do EMI, pois com tal proposta garante-se uma ferramenta de melhoria do ensino que é precisamente o que busca qualquer produto educacional que uma vez testado demonstra-se de especial valor pedagógico. Em outras palavras, confirmamos o que prevíamos: a sequência didática interativa colabora para a melhoria do EMI.

E mais: este produto educacional traz consigo ainda como consequência de sua aplicação na discussão do tema proposto a promoção do amadurecimento enquanto conquista da autonomia do pensar e do agir já que visamos, com este produto, não apenas a apropriação conceitual, mas, sobretudo, que se busque interferir na realidade concreta vivenciada. O olhar crítico sobre a realidade e também sobre si mesmo é o que se possibilita a SDI na esteira da formação ética indubitavelmente. Na filosofia, na ética, não se pode pensar em ninguém que não seja solicitado à reflexão e à ação.

Certamente que a aplicação de nosso produto educacional em toda a sua plenitude estava construída para o singular ambiente da sala de aula com a visão olho no olho dos alunos cada um vindo até o Campus na perspectiva de estudar e tantos outros critérios que tal ambiente formativo carrega.

Contudo, mesmo na ausência desses elementos atestamos que o ambiente virtual de aprendizagem permitiu a cada participante se identificar com o tema abordado, pois se sentiram como parte de um todo educacional voltado para a formação acadêmica na dimensão ética e cidadã, fundamentalmente. Tal ambiente virtual de aprendizagem sem dúvida deve ser adaptado e mais amplamente explorado para que se colham de maneira mais eficiente os objetivos propostos de qualquer iniciativa didática visando a construção e melhoria da educação tal como nós almejamos no EMI: pública, libertária, crítica, cidadã, ética e de excelente qualidade.

Contudo, mesmo com as forças conservadoras contrárias à essa educação lembremos do que escreveu Platão em *A República* (Livro V. 453d):

“Mas as coisas são assim: se uma pessoa cair numa piscina pequena ou no mar imenso, não deixa de nadar, de qualquer maneira.

– Absolutamente.

– Portanto, também, nós temos de nadar e de tentar nos salvar nessa discussão ou na esperança de que um golfinho nos leve, ou de qualquer outra salvação difícil de conseguir”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto educacional assim concebido e implementado a partir da realidade concreta demandada pelos discentes do Campus se constitui em ferramenta didática de aquisição de conhecimentos visando promover a emancipação intelectual na perspectiva libertária dos alunos enquanto sujeitos de uma educação integral como se apresenta o ensino médio integrado.

Se no EMI a formação ética não contar com o seu devido lugar nas suas concepções e práticas aliando a base técnica e a base comum na perspectiva libertária e de formação crítica-reflexiva valendo-se da sequência didática interativa enquanto proposta de ensino alinhada ao fomento do debate a partir de temas éticos previamente delineados, então, corremos o risco de cair no esquecimento do ensino que nos advêm de Dédalo e Ícaro ambos personagens de um dos muitos mitos gregos: Dédalo consegue fugir junto com seu filho Ícaro do cativoiro mediante a engenhosidade da construção de asas para ambos. Dédalo voa e chega na Sicília, enquanto que Ícaro inadvertidamente voa na direção do sol que, pelo calor intenso, derrete a cera que cola as asas e o faz cair.

Esse mito é um símbolo muito apropriado da engenhosidade do conhecimento técnico que possibilita ao homem a sua liberdade, mas que inevitavelmente se tal conhecimento prevalecer em demasia nas práticas humanas ele poderá nos comprometer ou mesmo nos extinguir. Logo, deve haver no EMI o espaço para a reflexão ética necessariamente. E pela positividade advinda da testagem que corroborou nossas expectativas a sequência didática interativa é de especial contribuição.

REFERÊNCIAS

CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual é a tua obra:** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 17 ed. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KAPLUM, Gabriel. **Material educativo: a experiência do aprendiz.** Comunicação & Educação. São Paulo. maio/ago de 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PLATÃO. **A Republica**, Belém, Ed. da UFPA, 1988.

MODELOS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS INTERATIVAS PARA A FORMAÇÃO ÉTICA

Disponibiliza-se a partir daqui modelos de SDI que na sua constituição esquemática é passível de adaptação para outro tema da ética que não seja exatamente na dimensão do trabalho e da cidadania, mas um outro tema de natureza ética que porventura o professor considere como relevante para uma dada turma, Campus, condição social e política de um dado momento ou outra razão qualquer. Ou seja, mantendo-se o roteiro das sequências didáticas nos seus dois blocos de atividade e escolhendo um tema adequado à realidade vivida, os objetivos de tais sequências são alcançados.

1º PLANO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA

TEMA: A RESPONSABILIDADE MORAL

APRESENTAÇÃO: Certamente que o ensino na educação profissional e tecnológica demanda múltiplas estratégias de ensino. Entendemos que a sequência didática se adequa à natureza mesma da formação ética que visa fomentar nos alunos a reflexão dos grandes temas éticos e mesmo prática efetiva dos princípios éticos tão urgentes na sociedade atual.

Deste modo, buscar refletir mediante a leitura de textos filosóficos acerca de um dado tema demonstra que a vida em sociedade, em especial no mundo do trabalho, exige a compreensão de conceitos para sabermos intervir conscientemente na realidade complexa que vivemos atualmente, pois a educação profissional e tecnológica quer sim formar excelentes profissionais, mas, sobretudo éticos fundamentalmente.

INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA/ PROBLEMATIZAÇÃO

Um dos índices fundamentais do progresso moral é a elevação da responsabilidade dos indivíduos ou dos grupos sociais no seu comportamento moral. Assim, se o enriquecimento da vida moral acarreta o aumento da responsabilidade pessoal, o problema de determinar as condições desta responsabilidade adquire uma importância primordial. Daí a ideia de responsabilidade e liberdade estão intimamente relacionadas e devem ser alvo da nossa reflexão para agirmos

conscientemente no cotidiano efetivo do mundo do trabalho na perspectiva cidadã fundamentalmente.

Nesse sentido, não basta julgarmos determinado ato segundo uma norma ou regra de ação, mas é preciso também examinar as condições concretas nas quais ele se realiza, a fim de determinar se existe a possibilidade de opção e de decisão necessária para poder imputar a responsabilidade moral. Assim, problematizamos: quais são as condições necessárias e suficientes para poder imputar a alguém uma responsabilidade moral por determinado ato? Em outras palavras: quando se pode afirmar que um indivíduo é responsável pelos seus atos ou se pode isentá-lo total ou parcialmente da sua responsabilidade?

PÚBLICO ALVO: turmas concluintes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio de telecomunicações/ eletrônica e mecânica.

Quantidade de aulas: uma aula (dois tempos de cinquenta minutos cada uma)

Conteúdo ministrado: a liberdade moral em Aristóteles - Ética a Nicômaco.

OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS:

- Entender as condições da responsabilidade moral dos indivíduos como requisito fundamental para o exercício da cidadania.
- Relacionar as ideias de responsabilidade moral no âmbito do mundo do trabalho.
- Discutir com propriedade a ideia de que a responsabilidade moral pressupõe necessariamente certo grau de liberdade e que ambas estão ligadas no ato moral.

VÍDEO, EXIBIR (Ilustração)

SEQUÊNCIA CONECTADA DE ATIVIDADES

1º BLOCO DE ATIVIDADES, PROPOR:

- Entregar para cada aluno folha de papel para que redija seu prévio conhecimento sobre o tema da aula.
- Dividir a turma em pequenos grupos para sintetizar o que foi escrito numa única frase.
- Definir a partir da síntese o tema em estudo.

2º BLOCO DE ATIVIDADES, EXECUTAR

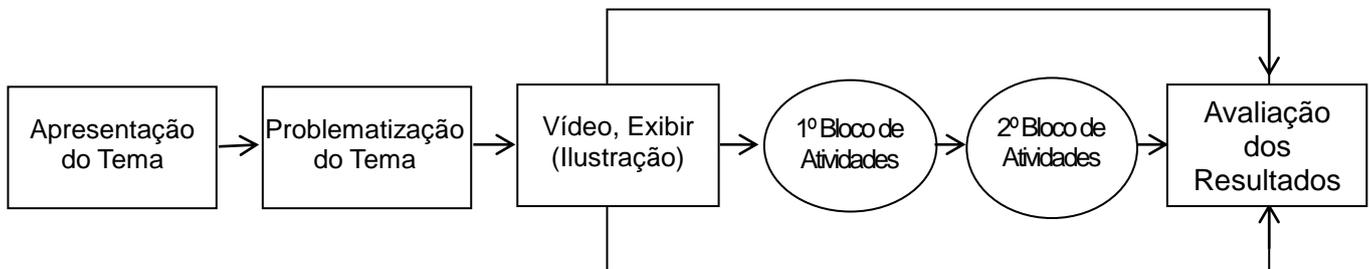
- Desenvolvimento do embasamento teórico sobre o tema ético da responsabilidade (Texto da Ética a Nicômaco de Aristóteles com cada aluno).

- Identificação/dialogização/problematização de conceitos/definições, que subsidiam o tema.
- Apresentação de seminário ou confecção de pôsteres; gravação de vídeos etc.

RECURSOS DE ENSINO: TEXTO IMPRESSO, TELEVISÃO, QUADRO BRANCO E MARCADOR PARA QUADRO BRANCO.

OBS: A sequência didática (enquanto metodologia) na sua estrutura pode ser das mais diferentes. De acordo com o objetivo de ensino do professor ele poderá adequar as etapas da estrutura da sequência didática a fim de lhe permitir a aprendizagem de um determinado conteúdo temático.

Modelo Esquemático da Sequência Didática



2º PLANO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA

TEMA: O QUE É CIDADANIA?

APRESENTAÇÃO: Certamente que o ensino na educação profissional e tecnológica demanda múltiplas estratégias de ensino. Entendemos que a sequência didática se adequa à natureza mesma da formação ética que visa fomentar nos alunos a reflexão dos grandes temas éticos e mesmo prática efetiva dos princípios éticos tão urgentes na sociedade atual.

Deste modo, buscar refletir mediante a leitura de textos filosóficos acerca de um dado tema demonstra que a vida em sociedade, em especial no mundo do trabalho, exige a compreensão de conceitos para sabermos intervir conscientemente na realidade complexa que vivemos atualmente, pois a educação profissional e tecnológica quer sim formar excelentes profissionais, mas, sobretudo éticos fundamentalmente.

INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA/ PROBLEMATIZAÇÃO

Certamente que a ideia de cidadão implica no indivíduo que goza dos direitos e respeita os deveres definidos pelas leis e pelos costumes da cidade. Neste sentido, a cidadania é o resultado de uma efetiva integração social. Na Antiguidade clássica grega e romana a cidadania era exclusiva dos homens adultos livres nascidos no território da cidade. Nasceu ali a política como resposta para as contradições e conflitos daquelas sociedades que como a nossa era classista, desigual e injusta.

Desse modo, como filosofia e política nasceram na mesma época a filosofia não cessa de refletir sobre grandes temas da política, elaborando teorias para explicar a origem, finalidade e as formas da vida política. Daí, consideraremos o que vem a ser cidadania nos escritos de Aristóteles, para entendermos já naqueles primeiros tempos alguns traços característicos que perduram até os nossos dias para que tenhamos as condições efetivas de propor e mesmo problematizar a nossa realidade atual.

Assim buscamos indagar: Por qual motivo as mulheres estavam excluídas da cidadania e da vida pública? Qual papel era reservado aos jovens na cidade legitimada no passado comum, na tradição e no respeito aos antepassados? Em que medida a propriedade da terra e a urbanização propiciou o surgimento da política? Quem é o cidadão da pólis para Aristóteles?

PÚBLICO ALVO: Turmas concluintes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio de telecomunicações/ eletrônica e mecânica.

QUANTIDADE DE AULAS: uma aula (dois tempos de 50 minutos)

CONTEÚDO MINISTRADO: a cidadania nos escritos filosóficos de Aristóteles

OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS:

- Entender a invenção da política na Grécia e Roma: o surgimento da cidade.
- Relacionar a ética e a política como sendo inconcebível fora da comunidade política, isto é, da cidade, não só na Grécia Antiga, mas sobretudo em nossos dias.
- Discutir com propriedade a ideia de que Aristóteles subordinou o bem do indivíduo ao bem supremo da pólis e que tal vínculo é entre ética e política necessariamente.

VÍDEO, EXIBIR (Ilustração)

SEQUÊNCIA CONECTADA DE ATIVIDADES

1 BLOCO DE ATIVIDADES, PROPOR:

- 1) Entregar para cada aluno folha de papel para que redija seu prévio conhecimento sobre o tema da aula.
- 2) Dividir a turma em pequenos grupos para sintetizar o que foi escrito numa única frase.
- 3) Definir a partir da síntese o tema em estudo.

2 BLOCO DE ATIVIDADES, EXECUTAR

- 4) Desenvolvimento do embasamento teórico sobre o tema da cidadania em Aristóteles (Texto da obra Política de Aristóteles com cada aluno).
- 5) Identificação/dialogização/problematização de conceitos/definições, que subsidiam o tema.
- 6) Apresentação de seminário ou confecção de pôsteres; gravação de vídeos etc.

RECURSOS DE ENSINO: TEXTO IMPRESSO, TELEVISÃO, QUADRO BRANCO E MARCADOR PARA QUADRO BRANCO.

OBS: A seqüência didática (enquanto metodologia) na sua estrutura pode ser das mais diferentes. De acordo com o objetivo de ensino do professor ele poderá adequar as etapas da estrutura da seqüência didática a fim de lhe permitir a aprendizagem de um determinado conteúdo temático.

Modelo Esquemático da Sequência Didática

